

CELULOSE & PAPEL



Medicamentos à base de plantas na Klabin

**Investimentos:
como obter
recursos externos**



**Perfil de Empresa:
Ripasa em busca
de novos mercados**



Garantido mesmo é produto que não dá defeito.

Nossos revestimentos anticorrosivos e pisos industriais custam um pouco mais caro. E valem cada centavo que você pagar por eles. Porque nós somos uma empresa alemã, trabalhando num negócio exato. Nós especificamos com a máxima rigidez, usamos a tecnologia mais avançada e, no final, o nosso produto funciona. Tão certo como dois e dois são quatro. Nós garantimos que o revestimento aguenta as agressões para as quais foi projetado para aguentar. Garantimos que você não vai se arrepender de trabalhar conosco.

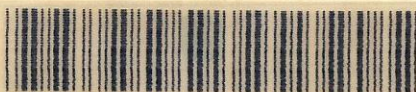
Você ainda não se sente garantido?

Nós ainda damos um ano de garantia. Mas não era nem preciso.



Nossa garantia é tecnologia.

Consulte o Serviço de Atendimento ao Cliente Ancobras 9(011) 912-8628 • Grupo Keramchemie-Gail.



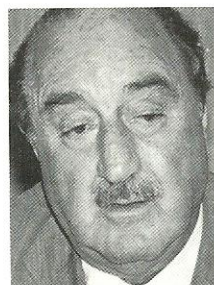
PUBLIC.: P-001815

CELULOSE & PAPEL 7(34) JUL./AGO. 1991

“É preciso acreditar”

Horácio Cherkassky (*)

Avontade política de reestruturar os alicerces do País, na busca de tornar-se moderno, esbarra, ainda, no sistema político vigente. Não obstante o anseio da sociedade brasileira, as questões colocadas como objetivos naturais, e no bojo da oportunidade histórica das transformações mundiais, enfrentam sérios problemas, que só um consenso do setor político poderá alcançar.



O setor de papel e celulose conseguiu modernizar-se, acreditando no inegável potencial do país-continente e, com isso, mostrou-se capaz de competir no acirrado mercado internacional. Vários bilhões de dólares foram destinados pelas empresas na expansão da capacidade produtiva e na incorporação de novas tecnologias de produção.

Ainda agora, cerca de US\$ 5 bilhões estão sendo investidos na implantação ou expansão de unidades da produção de papel e celulose, apesar das dificuldades econômicas e seus reflexos no mercado, nos preços e nas margens de retorno do capital investido.

Continuamos com nossos desejos de superar as dificuldades e caminhar céleres para o primeiro mundo, embora a realidade nos mostre quão reprimidos somos por uma conjunção de fatores adversos no plano interno, que exigem reformas estruturais que se arrastam pelos anos.

De novo, no enfrentamento dos choques com que se busca frear, sem resultados, a inflação persistente, o País mostra-se impotente para promover investimentos produtivos e retomar o crescimento. O resultado é expresso no balanço das empresas que enfrentam, uma vez mais, um período recessivo difícil. A esperança é que acabaremos por vencer as dificuldades. Nós acreditamos que essa é a missão do empresário empreendedor. É preciso, entretanto, que o governo cumpra o seu papel. Que restabeleça as condições para que o empresário possa trabalhar, gerar e sustentar empregos.

Há sintomas de que a situação pode mudar. O dinheiro externo parece começar a refluir para o Brasil. Foram US\$ 5,8 bilhões nos primeiros sete meses deste ano, contra US\$ 5,4 bilhões em todo o ano passado,

O setor de celulose e papel, não obstante os períodos alternados de elevado progresso e profunda recessão, com os quais teve que conviver, cresceu à taxa média anual da ordem de 3% na década de 80. E para a década de 90 o nosso potencial de crescimento é maior ainda, haja visto a perspectiva da evolução do consumo mundial de papel e celulose, evidenciando boas oportunidades para a indústria brasileira do setor, que acreditou e cresceu.

(*) Horácio Cherkassky é presidente da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.

A Revista Celulose & Papel é órgão oficial da ANFPC — Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose — Rua Afonso de Freitas, 499 — CEP 04006 — São Paulo — SP — Fone: 885-1845.

Diretor Responsável

H. Horácio Cherkassky

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires

Aldo Sani

Jamil Aun

Lenomir Trombini

Marcello L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

Conselho Consultivo

GT 2 Divulgação

Coordenação Geral

Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada bimestralmente pela Unipress Editorial. ISSN 0102-5279.

UNIPRESS EDITORIAL

Diretoria

Alaôr José Gomes

Reginaldo Finotti

Diretor de Redação

Reginaldo Finotti

Textos

Celso Lungaretti

Eliana Haberli

Janes Rocha

Maroni J. da Silva

Raimundo José da Silva

Sílvia Pimentel

Fotos

Ademar Gardiman

Paulo B. Silva

The Image Bank

Revisão

Raimundo José da Silva

Arte

Marco Aurélio Sismotto

Sandro Brito

Secretaria

Marta Camiotto

Rosana Domingos de Souza

Relações Públicas

Lina Carla Finotti

Publicidade

José Cruz Filho

Redação, Administração e Publicidade:

Av. Paulista, 2.006 — 11º andar
— Conjs. 1.103 a 1.109 — Fones: (011)
251-0366 e 285-6233 — Telex 1132183
— Telefax (011) 285-3785 — CEP
01310 — São Paulo-SP — Composição
e Impressão: Ipsis Gráfica e Editora
S.A. — Fotolitos: Linoart Gráficos e
Editores.

CELULOSE & PAPEL



Medicamentos à base de plantas na Klabin

Investimentos: como obter recursos externos

Perfil de Empresa: Risco e busca de novos mercados

Experiências bem-sucedidas na Klabin, com a fitoterapia.

Como parte de um programa comunitário, a IKPC — Indústrias Klabin de Papel e Celulose, desenvolveu, em suas reservas florestais em Telêmaco Borba, no norte do Paraná, pesquisas com ervas nativas e implantou um laboratório para a produção de medicamentos fitoterápicos. Os resultados são muito positivos e os remédios à base de ervas têm aceitação de 97% dos funcionários, com preços reduzidos em relação aos remédios convencionais.

18

Oportunidade para a captação de recursos nos bancos internacionais

Uma posição mais flexível do Banco Central do Brasil ajudou muito a aumentar o leque de alternativas de captação em moedas fortes. E os *experts* financeiros orientam como obter financiamento e conquistar sócios para os novos projetos de expansão no setor.

9

Ripasa aplica US\$ 150 milhões na nova máquina em Limeira

A maior e mais importante unidade produtiva do Grupo, a Ripasa I, com o funcionamento da nova máquina do tipo Douforner-CF, terá um acréscimo de 140 mil t/ano de papel de imprimir e de escrever a partir de 1992 e saltará de 4º para 2º lugar entre os fabricantes nacionais de produtos derivados de celulose de fibra curta.

22

Seminário no BNDES vai discutir a atualidade no setor de papel e celulose

No dia 20 de setembro, no Rio de Janeiro, os empresários setoriais estarão reunidos com representantes do BNDES: o objetivo é a busca de diretrizes capazes de alavancar o desenvolvimento tecnológico e dimensionar os recursos para promover a expansão da capacidade de produção de celulose e papel.

28

E MAIS:

Mercosul.....	7	Gente (Ronaldo Pereira).....	30
Suprimentos.....	15	Opinião: Efeito da ISO 187....	42

What's happening na Paraíba?



Não é de hoje que a NORTELAS, pelo seu alto grau de tecnologia e desempenho de seus produtos, vem despertando a atenção do mercado papeleiro nacional e internacional.

Os equipamentos de última geração instalados em sua fábrica da Paraíba e o aperfeiçoamento profissional são os principais fatores que permitem atingir a qualidade total e constante das Telas Formadoras e Secadoras.

Para garantir ainda mais sua qualidade Nota 10, a NORTELAS colocou em operação o seu tear n.º 10, com a mais avançada tecnologia.

Além da expansão da capacidade produtiva, este equipamento agiliza os fornecimentos, melhora o desenvolvimento dos produtos, permitindo maior reproducibilidade e uniformização.

Nosso Compromisso : *Obter e reproduzir qualidade total.*

Nossa Meta : *A ISO 9000.*

Nortelas : *Um nome que acontece.*

nortelas

CELULOSE & PAPEL



Medicamentos à base de plantas na Klabin

Investimentos:
como obter
recursos externos

Perfil da Empresa:
Ripasa em busca
de novos mercados

Successful experiences with phytotherapy at Klabin

As part of a community program, IKPC — Indústrias Klabin de Papel e Celulose carried out research with native herbs from its forest reserves in Telêmaco Borba, in northern Paraná State, and built a laboratory for the production of phytotherapeutic medications. The results have been very positive and the herb remedies have been approved by 97% of the employees, with reduced prices compared to conventional medicines.

Ripasa invests US\$ 150 million in new equipment in Limeira

With the startup of its new Doufornier-CF-type machine, Ripasa I, the Group's largest and most important production plant, will turn out an additional 140,000 annual metric tons of printing and writing paper starting in 1992. That will lift it from 4th to 2nd place among the nation's manufacturers of products derived from short-fiber pulp.

A chance to raise funds through international banks

A more flexible posture on the part of the Banco Central do Brasil has greatly helped broaden the gamut of fund-raising options in hard currencies. And financial experts indicate how to obtain loans and pick up partners for the industry's new expansion projects.

BNDES seminar will discuss current events in the pulp and paper industry

On September 20th, in Rio de Janeiro, industry leaders will meet with BNDES representatives. The objective is to develop guidelines for sustaining technological development in the production of pulp and paper and for determining the funds needed to expand production capacity.

Brasil-Argentina: diálogo para uma estratégia comum

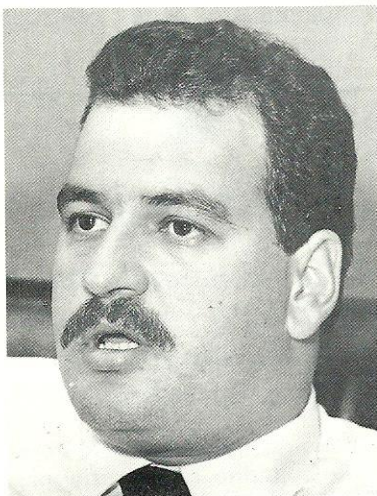
A redução das exportações brasileiras de papel visa preservar a indústria argentina de um colapso, mas não significa que serão suspensas suas necessidades, onde as carências são mais acentuadas.

A perspectiva de uma real integração comercial entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai a partir de 1995, através de um mercado livre, conforme acordo formalizado em março deste ano no âmbito do Tratado de Assunção, que criou o Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul), ainda vai depender de muitos ajustes setoriais.

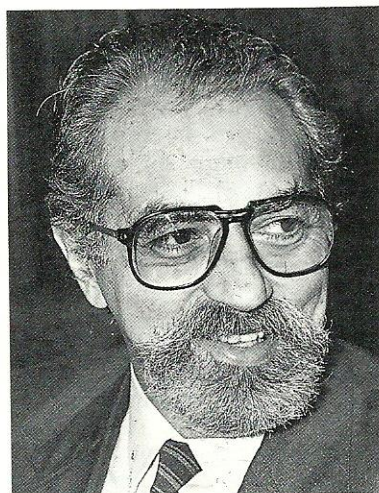
É o que pensam os representantes da indústria de celulose e papel, com base no estágio de desenvolvimento de cada segmento nos respectivos países que deverão integrar o Mercosul, particularmente a Argentina e o Brasil, que são os maiores fabricantes, com uma produção estimada em 5,5 milhões de toneladas/ano de papel e 5,1 de pastas celulósicas. Há uma aposta nas vantagens da integração de um mercado com 190 milhões de consumidores, mas existem grandes dificuldades a serem transpostas para que as barreiras alfandegárias possam ser rompidas, efetivamente, num prazo tão curto.

Entre o Brasil e a Argentina, está valendo, desde janeiro, o princípio da expansão equilibrada no intercâmbio comercial. Tal princípio determina condições equitativas de mercado, o máximo aproveitamento dos fatores de produção, o incremento da complementação econômica, o desenvolvimento equilibrado e harmônico dos dois países e a inserção competitiva de seus produtos no mercado internacional.

Teoricamente, estes princípios, firmados através do Acordo de Complementação Econômica número 14, facilitam a implementação do Mercosul. No setor de celulose e papel, no entanto, os fabricantes dos dois países admitem que o tempo é curto para



Nilson Cardoso: desequilíbrio macroeconômico vai balizar relações de intercâmbio.



Marcello Pilar quer maior negociação até em nível de governo

formalizar a integração, conforme memorando assinado pelos representantes da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC) e da Asociación de Fabricantes de Celulosa Y Papel da Argentina, em abril deste ano, em Punta del Este.

Embora o setor de celulose e papel da Argentina apresente algumas vantagens comparativas em relação ao Brasil, como é o caso das condições de fertilidade do solo, observa Marcello Pilar, da ANFPC, a indústria como um todo não perdeu competitividade. Por problemas semelhantes aos que o Brasil enfrenta hoje, na área econômica, o setor de celulose e papel da Argentina deixou de fazer pesados investimentos na área tecnológica, que se efetivados hoje não poderão ter seus resultados no curto prazo.

De certa forma, complementa Nilson Cardoso, também da ANFPC, este desequilíbrio macroeconômico é que vai balizar as relações de intercâmbio entre os fabricantes dos dois países, com vistas à implementação do Mercosul. O próprio memorando de Punta del Este afirma, num dos itens, "que é necessário que os setores privados de ambos os países se esforcem para encontrar soluções e propostas que permitam ordenar, razoavelmente, o comércio bilateral".

Na prática, diz Pilar, o que o setor de celulose e papel brasileiro fez até agora foi assumir o compromisso de reduzir os volumes de exportação para a Argentina, entre setembro e dezembro deste ano, quando os representantes dos dois países deverão realizar nova reunião. A redução das exportações brasileiras visa preservar a indústria argentina de um colapso — um risco que também foi admitido no

memorando de Punta del Este — dando-lhe condições de formular uma estratégia compatível com a abertura que será patrocinada pelo Mercosul. A diminuição temporária do fluxo de comércio bilateral não significa, porém, que a Argentina suspenderá suas necessidades de importação, principalmente dos segmentos onde as carências são mais acentuadas, como papel para embalagem.

Atualmente, o Brasil não pode ceder espaço no mercado argentino de

celulose e papel que está sendo disputado pelos concorrentes chilenos, canadenses, suecos e sul-africanos. E considerando os interesses individuais de cada empresa, observa Pilar, terá que haver muita negociação, inclusive em nível de governo, para que os fabricantes brasileiros conscientes das vantagens do Mercosul e da necessidade de sacrifícios temporários não sejam simplesmente usados pelos importadores e produtores argentinos, para alavancar a presença de fornecedores de terceiros países, contrarian-

do os objetivos do Mercosul.

É possível, diz Cardoso, que os fabricantes dos dois países desenvolvam mecanismos de diálogo que levem à consolidação de uma estratégia comum na área de comercialização, para que todos sejam beneficiados. Cardoso admite também a possibilidade de haver uma complementariedade entre determinados segmentos, como é o caso da indústria de papel. Reconhece, no entanto, que a caminhada nesta direção vai além do horizonte previsto no Mercosul.

ECO 92

Indústria não quer ficar na defensiva

Com várias iniciativas definidas para organizar sua participação na ECO-92, o empresariado pode contribuir para que nela prevaleçam posturas moderadas e não antagônicas ao desenvolvimento econômico.

“**A** área empresarial tem objetivos a perseguir dentro da ECO-92. Mas, para tanto, precisa aceitar um maior comprometimento com princípios que compatibilizem o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental. Sem assumir compromissos desse tipo, o empresariado ficará colocado numa incômoda posição defensiva. Não pode esconder-se, tem de mostrar o que faz”.

A afirmação é de Carlos Alberto de Oliveira Roxo, representante brasileiro na Comissão de Meio Ambiente da Câmara de Comércio Internacional e membro da Comissão da América Latina do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável. Na avaliação de Roxo, foi exatamente essa maior disposição em se comprometer que caracterizou a 2ª Conferência Mundial da Indústria para o Gerenciamento Ambiental (Wicem-II), realizada em Roterdã, Holanda, no último mês de abril.

Este encontro foi o principal até agora mantido pela indústria mundial, visando uma definição de posturas a serem levadas à Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em junho de 1992, no Rio de Janeiro. Além disto, a área empre-

sarial se organiza para a ECO-92 através do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável, da Câmara de Comércio Internacional e, no Brasil, do grupo de trabalho constituído pelas Confederações Nacionais do Comércio, Indústria, Agricultura e do Comitê Brasileiro da CCI.

Cronograma empresarial

Na contagem regressiva até a ECO-92, quem está com uma pauta de atividades mais extensa é o Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável. Assim, logo após a reunião do Unced (Secretariado da Conferência, integrado por representantes de governos), este mês, em Genebra, o Conselho manterá uma reunião com este órgão; idem em novembro, quando o Unced tem novo encontro marcado, na Filadélfia; e em abril do ano que vem, finalmente, o Conselho entregará um documento conclusivo ao secretário-geral da ECO-92, o canadense Maurice Strong.

Mas suas atividades não param aí. Em junho, durante a conferência, o Conselho se reunirá para acompanhar

mento dos trabalhos no Rio de Janeiro. E, em novembro, fará um balanço de todas as atividades desenvolvidas e discutirá sua possível continuidade.

Além disto, o Conselho formou grupos de trabalho para aprofundamento de enfoques regionais — um deles, por exemplo, é o da América Latina — e de problemas específicos como o consumo de energia, exploração florestal e agricultura. O grupo latino-americano do Conselho já tem uma reunião marcada para concluir suas discussões acerca do teor do relatório final sobre o subcontinente; será em outubro próximo, no Rio de Janeiro. Esses relatórios regionais e específicos serão publicados, assim como dois outros produtos do Conselho: o principal de todos, que é relatório *Our Common Enterprise*, com suas teses sobre meio ambiente e desenvolvimento; e uma compilação de *cases*, apresentando de 40 a 50 exemplos de desenvolvimento sustentável em todo o planeta.

O grupo de trabalho CNC/CNI/CNA/CCI, por sua vez, realizou um seminário internacional preparatório à Wicem-II, em março passado, e tem outro evento do mesmo tipo marcado para o próximo mês de novembro, sempre no Rio de Janeiro.



Mudanças introduzidas na regulamentação das formas de acesso ao capital externo poderão auxiliar investimentos em celulose e papel

Abrindo as portas dos bancos internacionais

A disposição mostrada pelo governo Collor de Mello em efetivamente negociar a dívida externa brasileira com os bancos e órgãos oficiais internacionais, reabriu às empresas brasileiras as portas do capital externo que pareciam definitivamente fechadas, desde a crise internacional do petróleo no final da década de 70.

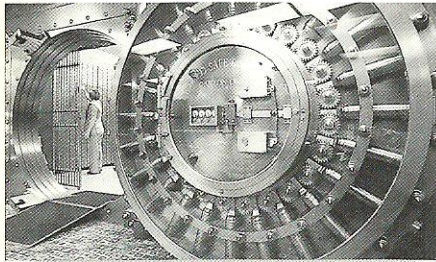
Naturalmente, não aconteceu da noite para o dia e também a abertura dos anos 90 não é tão ampla quanto a das décadas de 60 e 70. Mas hoje a comunidade financeira internacional já vê o Brasil com outros olhos e muitos investidores aceitam ser parceiros de empresas brasileiras lá fora.

Uma posição mais flexível do Banco Central do Brasil ajudou muito a aumentar o leque de alternativas de captação em moeda forte. "O BC está muito aberto a coisas novas" — testemunha Ricardo Calfat, diretor do Credibanco, uma instituição associada ao The Bank of New York. Ele se refere às mudanças ocorridas, de um ano para cá, na regulamentação das formas de acesso ao capital externo. "Se você leva uma idéia para o BC, ele é receptivo e flexível" — afirma.

Com isso, diversas operações de emissão de títulos e engenharia financeira foram colocadas em prática para

levantar, no exterior, recursos complementares a projetos de investimentos e reforço do capital de giro de empresas privadas e estatais. Essa movimentação é especialmente interessante para o setor de papel e celulose que está atualmente em pleno andamento de um amplo plano de investimentos. Pelo II Programa de Desenvolvimento do setor, até o final de 1996 as indústrias nacionais terão que investir pelo menos US\$ 10,9 bilhões para conseguir duplicar a capacidade de produção.

É arranjar tanto dinheiro não é fácil. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social



A participação do BNDES não pode ultrapassar 50% de todo o projeto

(BNDES) é a única instituição financeira, no Brasil, capaz de participar significativamente destas inversões. Pela Política Operacional do BNDES para os anos de 91/92, estão sendo colocadas à disposição das empresas privadas do setor de papel e celulose algumas linhas de financiamento a juros na faixa de 8% a 9% ao ano e prazos de pagamento condizentes com os grandes projetos industriais — cinco a oito anos. No entanto, o BNDES só participa no máximo de 50% do projeto.

Instalar uma fábrica de papel, hoje, pode levar até 7 anos e custar US\$ 1 bilhão. Instalar uma máquina de grande porte leva dois anos e consome mais de US\$ 200 milhões. Raramente se encontram sócios dispostos a cobrir 50% do projeto na hipótese de, depois de toda a burocracia, o empresário conseguir metade com o BNDES. Ninguém tem sozinho tanto dinheiro e é necessário buscar opções.

Uma delas é o mercado de capitais brasileiro que, no entanto, está operando a 30% de sua capacidade. É um mercado muito pequeno e restrito, onde as ações estão cotadas muito abaixo do que realmente valem.

Assim mesmo, é uma fonte que não deve ser desconsiderada, mas não poderá — pelo menos por enquanto — suprir totalmente as necessidades de investimentos das indústrias de papel e celulose. Através de outros títulos, como as debêntures, o mercado pode suprir recursos, principalmente giro.

Outra saída para financiamento a custos baixos e prazos longos, são as linhas de financiamento fornecidas pelas instituições multilaterais, como o IFC do Banco Mundial (BIRD) e o ICC do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), via de regra complementares, e em condições similares às do BNDES, mas que, em consequência de intrincadas e demora-

das negociações da dívida externa, estão restritas.

Há um ano, o empresário não encontrava nada além destas opções para dar continuidade a seus projetos. Hoje, porém, existem alternativas no mercado de capitais internacional que contemplam as grandes empresas e que tendem, segundo estimativas de especialistas, a ficar mais abrangentes, à medida em que o Brasil se recoloca na comunidade financeira internacional.

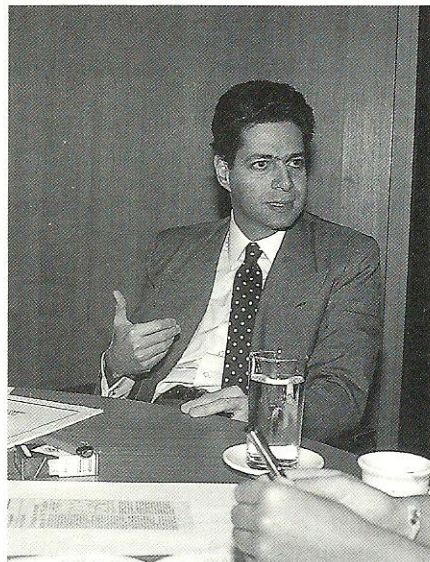
Alguns especialistas, ouvidos pela revista Celulose e Papel, apontam as novidades em termos de captação de recursos no exterior, que estão hoje à disposição dos empresários.

● **SECURITIZAÇÃO DE EXPORTAÇÕES:** considerada uma evolução do sistema de Adiantamento de Contratos de Câmbio (ACC), a securitização de exportações já beneficiou algumas empresas como a Vale do Rio Doce, que está captando US\$ 100 milhões no euromercado, e a Copene, que está fechando contratos no valor de US\$ 140 milhões. Securitização vem do inglês "security" que é uma palavra usada para denominar papéis que têm garantia de valor implícito, como as ações, as debêntures convertíveis em ações ou títulos que têm reconhecida confiabilidade. A operação tem três pontas — o exportador brasileiro, o importador e um "trust", ou seja, um administrador de recursos de terceiros (investidores institucionais, como fundos de pensão).

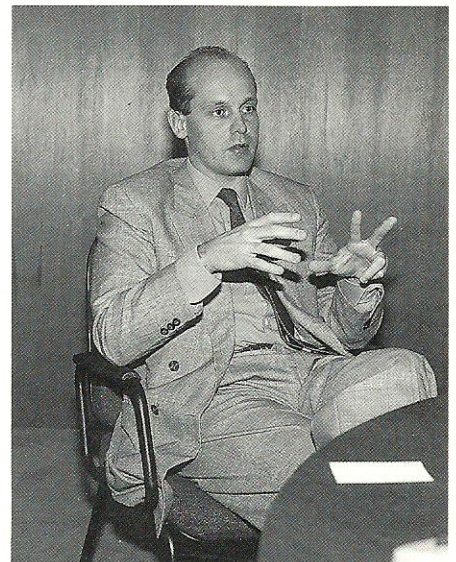
Conforme explica Cláudio Augusto Costa Von Gal, da área de Corporate Finance do Credibanco, através deste mecanismo o exportador emite um "floating rate note" (título de taxas flutuantes) com prazo mínimo de um ano. Paralelamente, é aberta uma conta de passagem no exterior, onde as exportações são liquidadas e, no mesmo instante, os recursos são internados no País, através do fechamento do câmbio, e uma outra conta, chamada de "escrow account", é aberta. Esta conta guardará os recursos da transação (pagamento de juros e do principal), até o montante a vencer no próximo período acrescido de uma margem de 50%. A instituição no exterior pode monitorar o fluxo de exportações realizado pelo exportador pela conta de passagem e poderá garantir o recebimento do próximo vencimento pela "escrow account". Em função da transação se realizar fora do País, com o importador pagando diretamente a esta conta, a operação deixa de ter o risco Brasil e portanto paga juros menores.

Luiz Otávio Reis de Magalhães, diretor da Patrimônio Planejamento Financeiro Ltda., empresa associada ao banco de investimentos e de serviços financeiro norte-americanos Salomon Brothers, lembra que a securitização é um mecanismo que corre à margem do setor bancário, sendo que o aval bancário pode eventualmente ser exigido, mas não é uma regra.

Para ter acesso a este mercado, entretanto, o exportador precisa ter um histórico de exportação. É o caso do setor de papel e celulose. Giampaolo



Ricardo Calfat e...



Cláudio Von Gal, do Credibanco.

ITELPA

Uma jogada de mestre

O jogo de xadrez exige precisão, inteligência e raciocínio.

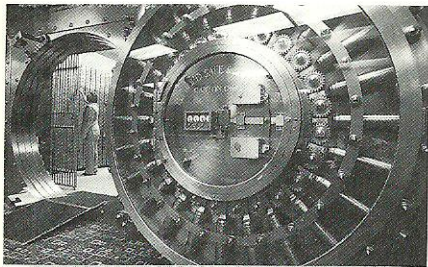
O parceiro fica impressionado com lances hábeis e bem estudados, que proporcionam ao jogo de xadrez um fascínio ilimitado.

A Itelpa sabe que a excelência de suas telas é conseguida lance por lance, com um parceiro exigente como você.

A equipe de serviços da Itelpa explora a total eficiência do produto e da máquina de papel, propondo soluções e melhorando resultados.



ITELPA S.A.
ITELPA S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rodovia Americana-Piracicaba, Km. 156,5
Caixa Postal 271 - CEP: 13400
FABX: (0194) 34-3722 - Ramal 248
Diretos: (0194) 22-3010 - 33-5439 - 33-2946
Tlx: (19) 2960 ITMP - Fax: (0194) 33-2639



Taxas podem variar de 7 a 18% ao ano em razão do risco Brasil

Baglioni, sócio-diretor da Patrimônio, diz que as principais empresas do setor se encaixam perfeitamente nos requisitos para participação em programas de securitização: são exportadoras, são competitivas em nível internacional, seus produtos são como "commodities", que oferecem condições de se prever a evolução de preços com razoável segurança, e são rentáveis. As operações que já foram fechadas tinham taxas equivalentes a algo entre 10,5% a 11% ao ano, mais a variação cambial por um prazo de três a cinco anos. Von Gal, do Credibanco, diz que, em geral, os investidores são instituições financeiras no exterior que podem negociar os papéis no mercado secundário. O custo da operação varia de acordo com o prazo, o nome do importador e as garantias oferecidas e só é vantajoso a partir de US\$ 15 milhões.

• **COMMERCIAL PAPER:** esse vem sendo o instrumento de captação mais difundido durante o ano de 91. No entanto, são operações mais caras por envolver o risco de crédito e o risco Brasil conforme ressalta o gerente executivo de Negócios Especiais Brasil, do Banco Francês e Brasileiro (BFB — Banco de Investimentos), Luiz Antônio N. França. Na verdade, o *commercial paper* tem esse nome no País por questões burocráticas porque o verdadeiro *commercial paper*, negociado no mercado internacional, tem características diferentes, como por exemplo o prazo para resgate, que não pode ultrapassar 270 dias. Através da emissão de *commercial paper*, a empresa pode captar recursos pelo prazo mínimo de dois anos diretamente (em seu nome) ou através de um banco. O Banco Central autorizou os bancos a emitirem por três anos, mas

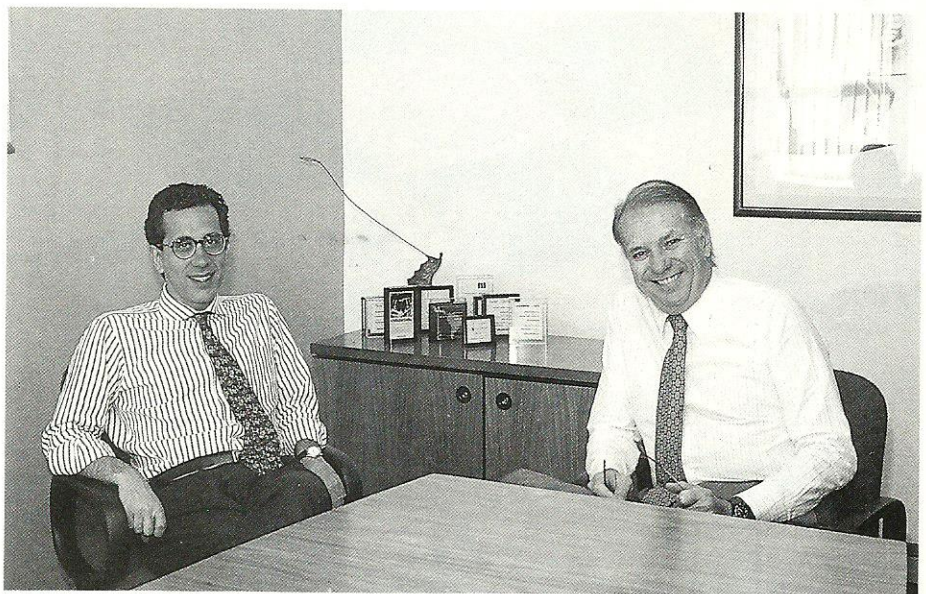
fixou a taxa, em ambos os casos, em 0,5% ao ano acima da taxa interbancária, mais a variação da taxa interbancária de Londres (Libor). A remessa do pagamento de juros é isenta de imposto de renda e, se já houver um investidor, ou vários, contatados lá fora, a operação se torna bastante rápida: três semanas entre entrar com a documentação no BC e internar os recursos, garante Luiz Antônio França. Pode demorar mais, entretanto, se o banco intermediário tiver que ainda procurar investidores para o papel. Grande parte das emissões de *commercial papers* realizadas tanto por bancos quanto por empresas, principalmente no caso das multinacionais, já contava com um investidor: a matriz de uma empresa que queria injetar recursos em sua filial.

O BFB tem autorização para emitir US\$ 200 milhões em seu próprio nome, dos quais US\$ 130 milhões já foram realizados. Os recursos são repassados aos interessados através da linha de financiamento da Resolução 63 do Banco Central. França explica que o mínimo exigido pelo Banco para emissões individuais (ou seja, em nome da própria empresa) é de US\$ 10 milhões, mas, se a captação for do banco, a empresa pode fazer até menos que isso.

Von Gal, do Credibanco, lembra que a colocação dos papéis poderá ser efetuada junto a investidores a serem indicados pela empresa emissora (por exemplo, importadores tradicionais no exterior) ou junto a carteiras de

investidores no exterior. As taxas podem variar de 7% ao ano, no caso em que existe garantia externa envolvida, até 18% ao ano quando estes papéis são colocados junto a investidores dispostos a comprar papéis com maior rentabilidade, assumindo o risco Brasil. "É uma oportunidade para a empresa ter seu nome divulgado no mercado internacional." — constata.

• **ADR E IDR:** são recibos que representam ações de empresas estrangeiras que são negociados nos Estados Unidos (ADR) e na Europa (IDR). A princípio, é visto como um mecanismo adequado para grandes empresas e também é considerado como, além de fonte de recursos, um instrumento de divulgação do nome da empresa no mercado internacional. A empresa emite ADR com lastro e uma emissão de ações existentes no Brasil; pode ser uma emissão que já esteja circulando no mercado ou uma nova emissão, dependendo do nível do ADR. Os papéis — no caso de emissões que estão no mercado, devem ser recompradas no mercado secundário — são colocados em depósito junto a um banco local, chamado de banco custodiante. O custodiante avisa o banco contratado nos Estados Unidos para ser o banco depositário que tem o lastro necessário para a emissão do ADR — cada ADR equivale a um bloco de ações. Feita a emissão, são contratados os "placement"



Luiz Otávio Reis de Magalhães e Giampaolo Baglioni (à direita), da Patrimônio: empresas do setor se encaixam no sistema.

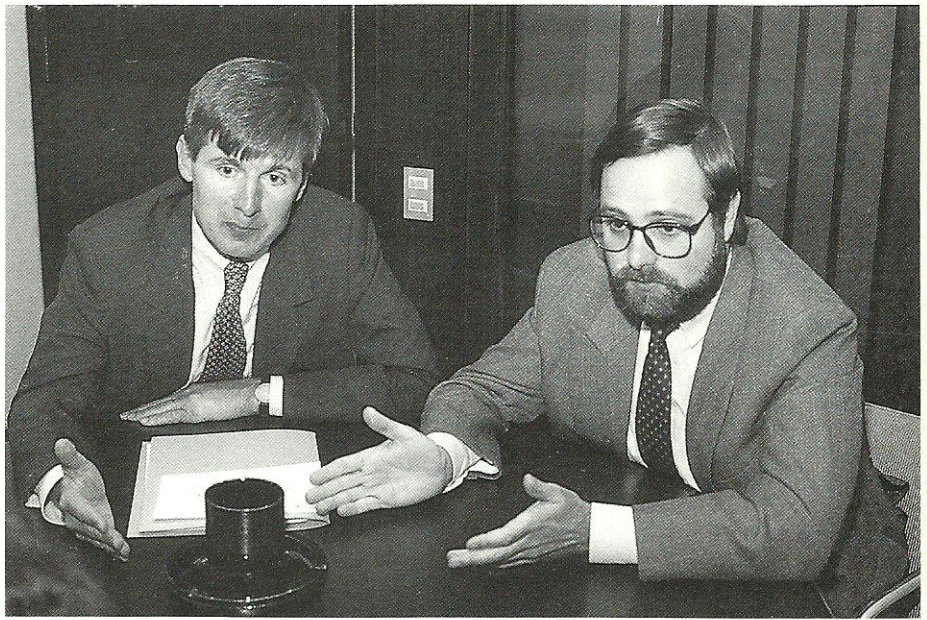
ou instituições que fazem a colocação dos recibos ao público. O investidor estrangeiro que adquirir os papéis poderá vender a outros investidores ou converter os ADR em ações para vendê-las no mercado brasileiro, entregando ao banco depositário no exterior e obtendo do custodiante no Brasil a quantidade de ações correspondente ao seu ADR.

O investidor pode também comprar ações de uma empresa que possui um programa de ADR, entregá-las ao banco custodiante e obter novos ADR do banco depositário.

É um instrumento que já atraiu várias empresas como a Companhia de Telefones de Chile (CTC), Atlas Copco, Alcatel Alsthom e Samsung e no ano passado movimentou US\$ 1,742 bilhão nos Estados Unidos. Existem três níveis de ADR e IDR, sendo que apenas o Nível III permite a efetiva captação de recursos. No Nível I, que é o mais simples, a empresa pode emitir, mas só pode vender no mercado de balcão e não pode lastrear a emissão em ações novas; o Nível II exige que a emissão seja registrada em bolsa de valores ou no sistema Nasdaq e tem que obedecer requisitos de contabilidade não muito complicados. Já no Nível III, a empresa pode emitir ações novas e levantar recursos via ADR com base nessa emissão, mas terá que registrá-la na Securities and Exchange Commission (SEC), órgão do governo norte-americano equivalente à Comissão de Valores Mobiliários Brasileira, e seguir as normas do United States Generally Accepted Accounting Principles (USGAAP), ou princípios de contabilidade geralmente aceitos.

Existe um quarto estágio que é a colocação de ADR pelas normas de 144A, que é uma regulamentação da SEC pela qual a emissão é feita somente a um pequeno e seletivo grupo de Investidores Institucionais Qualificados (Qualified Institutional Buyers — QIB), considerados capazes de avaliar seus próprios riscos. Por essa regulamentação, a SEC diminui as exigências de transparência em relação às emissões comuns de ações ou ADR.

Luiz Otávio Reis de Magalhães, da Patrimônio, lembra entretanto que existem alguns requisitos para participação nos programas de ADR: em primeiro lugar a empresa tem que ter o capital aberto e uma política de dividendos constantes e, segundo, tem que ter um histórico e uma perspec-



Geoffroy de Lassus e Luiz Antônio N. França (à direita), do BFB: as associações com sócios estrangeiros não devem ser descartadas,

tiva de resultados positivos (lucro). O ADR, diz ele, pode representar ações ordinárias ou preferenciais, mas o investidor americano tem preferência por ações ordinárias e, para ser negociada na Bolsa de Nova York, a emissão mínima permitida é de US\$ 65 milhões, no caso de ADR do Nível III. “Toda a emissão nos Estados Unidos é regulamentada pelo Securities Act of 1933 (a lei das Sociedades Anônimas norte-americanas), tem que ser registrada na SEC e fornecer informações periódicas sobre negócios, operações, histórico financeiro e a natureza dos títulos a serem emitidos” — afirma.

■

● **PAGAMENTO ANTECIPADO DE EXPORTAÇÕES:** dentro do conjunto de opções de captação de recursos por parte de companhias exportadoras, o Credibanco relaciona mais esta operação, que é realizada pelos importadores, bancos ou matrizes de empresas multinacionais. Os recursos entram através do fechamento de câmbio e o exportador tem até um ano para efetuar o fechamento do câmbio. O importador no exterior liquida o pagamento da exportação diretamente com a fonte que realizou o adiantamento. O Banco Central tem concedido, mediante autorização prévia, a dilatação deste prazo para dois anos. Também neste caso deixa de existir o risco político Brasil e passa a existir o risco de performance. O custo da operação para o exportador varia em torno de Libor, mais juros

de 3% a 5% ao ano, dependendo do prazo da operação, nome do importador e garantias externas oferecidas. É viável para operações acima de US\$ 5 milhões.

■

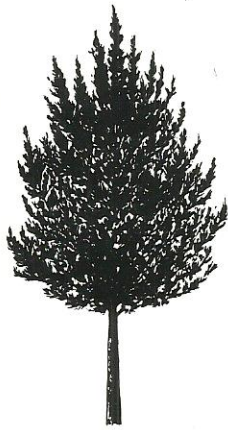
● **JOINT VENTURES:** Analisando as empresas do setor de papel e celulose, constata-se que elas são praticamente 90% de capital brasileiro, diz o diretor da área de Grandes Empresas do Banco Francês e Brasileiro, Geoffroy de Lassus. Para ele, levando-se em conta a necessidade de capital das indústrias do setor, que é muito elevada em termos de volume de recursos e de prazos de realização dos projetos, a hipótese de associação a um investidor estrangeiro não deve ser descartada. “Se existem companhias com sócios brasileiros, porque não com sócios estrangeiros” — diz de Lassus. “Vejo como uma evolução desse setor” — afirma.

A regulamentação do ADR e do IDR pelo Conselho Monetário Nacional, permitindo a empresas brasileiras a captação de recursos externos no mercado de capitais, foi aplaudida pelo presidente da Associação Nacional das Corretoras e vice-presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Manoel Francisco Pires da Costa. Ele acha que tais instrumentos opcionais podem carrear para as empresas os recursos de que necessitam. E vai além: para ele, os bons resultados da nova alavancagem de crescimento dos negócios nas bolsas foram obtidos graças a esses novos instrumentos.

PARA A KLABIN ENTRAR NA EUROPA, SÓ PRECISOU MOSTRAR ALGUMAS TONELADAS DE PAPEL.



PORTO DE PARANAGUÁ, PR - CARREGAMENTO DE PAPEL NO NAVIO REPUBBLICA DI PISA, ESPECIALIZADO NO TRANSPORTE DE PRODUTOS FLORESTAIS.



OS PRODUTOS DA KLABIN, PRINCIPALMENTE O PAPEL PARA EMBALAGEM KRAFTLINER E A CELULOSE BRANQUEADA DE EUCALIPTO, TÊM GRANDE ACEITAÇÃO NA EUROPA E EM OUTRAS PARTES DO MUNDO, DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE E CUSTOS COMPETITIVOS.

PARA CHEGAR A ESSE PONTO, FOI PRECISO UM

TRABALHO PERMANENTE NO ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES DOS CLIENTES INTERNACIONAIS, INCLUSIVE COM A CRIAÇÃO DA SUBSIDIÁRIA KLABIN FOREST PRODUCTS N.V., LOCALIZADA EM ANTUÉRPRIA, NA BÉLGICA. E O RESULTADO DESSE "CLIENT SERVICE" DE ALTO NÍVEL FOI A EXPORTAÇÃO DE US\$ 192,7 MILHÕES EM 1988.

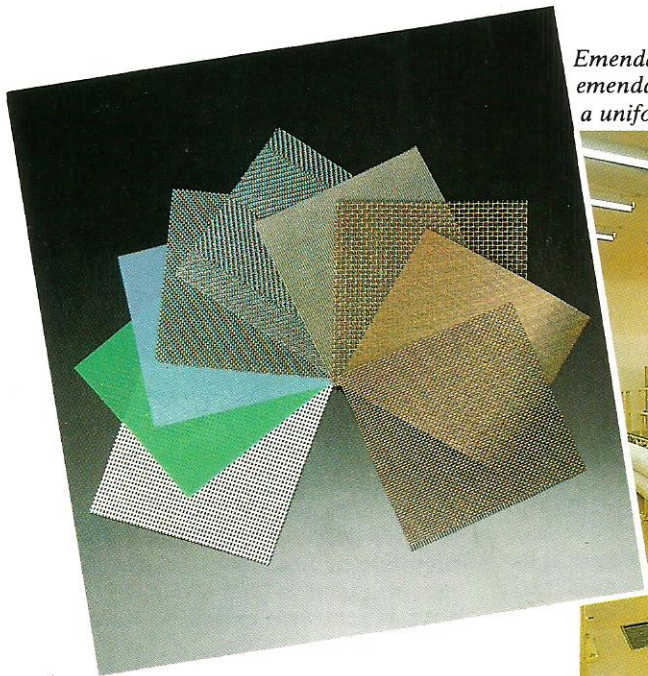
KLABIN. O MELHOR VISTO DE ENTRADA EM QUALQUER PARTE DO MUNDO.



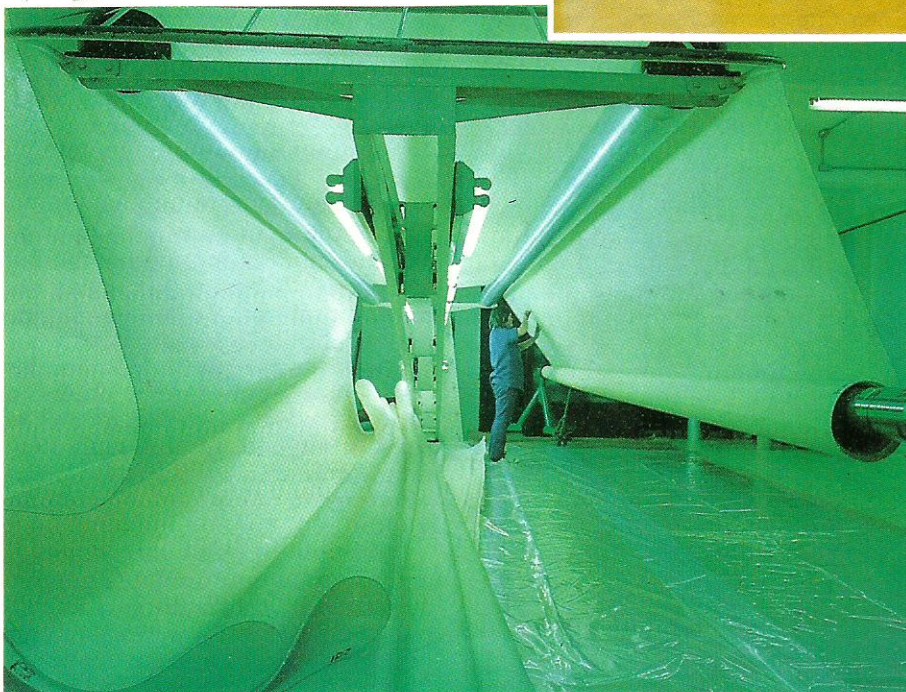
Indústrias Klabin
Papel e Celulose

Fabricantes de telas e feltros investem em expansão e tecnologia em busca de qualidade e custos de produtos.

Indústria de vestimentas acompanha o setor de papel



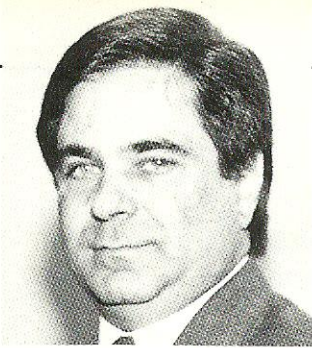
Emendas ou junções sem fim, ou telas, sem emendas, são da maior importância para a uniformidade da superfície do papel.



Cada um dos passos dados pela indústria de papel brasileira em busca de aperfeiçoamento técnico é acompanhado, de perto, pelos fornecedores de telas e feltros, produtos que interferem diretamente na qualidade do papel.

Telas formadoras (as que ficam sobre a mesa que conduz a massa molhada enquanto ela se transforma em papel), feltros (que auxiliam na drenagem dos líquidos na fase de prensagem) e telas secadoras (para a fase final de drenagem, quando o papel entra em contato com os cilindros secadores) são as vestimentas da máquina de papel.

São produzidas sob encomenda em gigantescos teares, mas com detalhes iguais aos que o alfaiate dispensa à roupa sob medida. A individualização do "taylor made", imprescindível na fabricação de suprimentos que precisam se ajustar às medidas das máqui-



Eduardo Zuppi: a Nortelas está instalando o tear mais moderno do mundo.

nas como luvas, convive nesse setor com a sofisticação de equipamentos computadorizados e com a busca de atualização tecnológica que põe os técnicos, de pronto, a par das constantes descobertas dos centros de pesquisa e desenvolvimento da Europa e dos Estados Unidos.

“Há uma intensa disputa tecnológica pela performance” — diz Carlos Caldeira, diretor comercial da Huyck Brasil, que fabrica os três tipos de vestimentas. “Não passamos um ano inteiro sem o surgimento de um novo produto” — define Vanderson Vendrame, gerente de marketing da Albany International, fornecedora tradicional de feltros e telas secadoras.

Nível de 1º Mundo

A matéria-prima original para telas formadoras e secadoras foi o bronze e vestimentas desse material continuam sendo fabricadas para suprir algumas indústrias. Na década de 70, ano da implantação da maioria das indústrias de vestimentas hoje instaladas no Brasil, vieram os fios sintéticos. Os sintéticos foram sofrendo constantes evoluções e passaram nos últimos anos de monocamada para multicamadas. As alterações objetivavam dar maior resistência à velocidade das máquinas, ao calor, à hidrólise, à agressão de produtos ácidos. Objetivavam também ampliar a vida útil do produto, proporcionando ganhos de custo aos usuários.

A corrida tecnológica começa em modernos centros de pesquisas, que abrem suas portas e suas novidades aos especialistas brasileiros, todos filiados a grupos multinacionais. Com isso, a indústria de vestimentas sedida aqui ganha desenvolvimento tecnológico compatível com o da indústria papelreira.

“Nós estamos aqui equipados para fornecer produtos a qualquer fábrica de qualquer país” —, assegura Edson Francisco Santiago, gerente de pes-

quisa, marketing e desenvolvimento da Itelpa, indústria pioneira do setor, fornecedora de telas formadoras e secadoras. Santiago, que começou na Itelpa como office-boy, aos 15 anos de idade, é testemunha ocular do progresso do setor há 29 anos.

“Nós introduzimos as telas sintéticas e viemos acompanhando as exigências técnicas do setor. Hoje, com máquinas trabalhando a 1.500 metros por minuto, ou mais, a qualidade não pode falhar. A fábrica se automatizou, e investe-se em tecnologia o equivalente a 10 e 15% do faturamento anual entre US\$ 25 milhões e US\$ 30 milhões. Temos orgulho de dizer que todas as máquinas que começaram a operar no Brasil, na área de formação, começaram com produtos nossos”.

Hora de investir

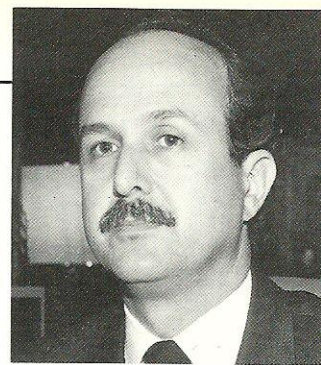
“Em apenas 16 anos de atividade, os teares passaram por três etapas, três gerações” — conta Eduardo Zuppi, diretor-adjunto de vendas da Nortelas, empresa que começou a operar no Nordeste, em 1975, com capital nacional e passou mais tarde fazer parte do grupo BTR, através da fábrica do Canadá.

“Estamos colocando em operação em nossa fábrica o tear mais moderno do mundo, o último a ser instalado no País, com 12,5 m de largura e todos os benefícios e avanços técnicos disponíveis internacionalmente” — anuncia Zuppi.

Investimentos como o novo tear da Nortelas, com custo total colocado próximo aos US\$ 5 milhões, aconte-



Carlos Caldeira da Huyck Brasil: avanços técnicos permitem redução de custos.



Vanderson Vendrame: A Albany está investindo US\$ 16 milhões até 1995.

cem em todo o setor. Os dirigentes da Itelpa informam que, além dos investimentos rotineiros em tecnologia, a empresa investiu nos últimos dois anos mais US\$ 10 milhões na fábrica de Piracicaba em teares, máquinas de acabamento e equipamentos de controle de qualidade do produto. A Huyck Brasil introduziu no último mês de dezembro, em sua fábrica de Petrópolis, uma nova carda de US\$ 4 milhões para confeccionar a manta do feltro e a Albany começou no final de 89 a cumprir um programa de investimentos tecnológicos e modernização que consumirá US\$ 16 milhões até o final de 95. A Nortelas, além do tear, importou dos Estados Unidos um aparelho Gama Gauge que auxiliará o fabricante de papel, que garante ser o único da América do Sul, e pretende agilizar seus serviços de assistência técnica com o recurso de um novo laboratório móvel de testes instalado numa Van.

Esses novos equipamentos estão sendo instalados para fornecer produtos mais modernos às novas máquinas de grande capacidade que serão utilizadas em indústrias como a Bahia Sul, Ripasa e Celpave, por exemplo.

“Os fabricantes estão com novos conceitos, buscando cada vez mais permeabilidade nas telas e superfícies cada vez mais uniformes” — conceitua Rubens Varela, gerente-técnico da Albany. “Com máquinas mais velozes, o problema da permeabilidade é crítico. Nas telas secadoras, estamos lançando novos tipos de desenhos dos fios — fios retangulares e chatos, e não mais redondos, para aumentar as áreas de contato. Quanto mais área, mais otimizada a troca térmica e menor consumo de energia” — acrescenta ele.

“Fazemos grandes investimentos em máquinas sofisticadas e precisamos também cuidar do acabamento artesanal, em nível de cerzimento, para obter a ‘emenda sem fim’ nas telas” — diz Carlos Caldeira, da Huyck.

Emendas ou junções sem fim, ou telas sem emendas, são itens importantes para a uniformidade da superfície das telas e, portanto, para a uniformidade da superfície do papel. “Quando passamos da tecnologia monocamada para multicamada, mandamos um tecido e uma cerzideira fazerem curso de aperfeiçoamento na Inglaterra” — lembra Caldeira.

A discussão do durável

Os avanços tecnológicos permitem produtos cada vez mais duráveis, com uma relação custo-benefício cada vez melhor, o que leva Carlos Caldeira a brincar, dizendo que pertence a um setor econômico “burro, que trabalha para vender cada vez menos”.

Os números de mercado estimados pela Huyck são eloqüentes para demonstrar essa situação de tendência de menor utilização de vestimentas por volume de papel produzido:

- *Produção brasileira de papel/81:* 3.100 mil t. com utilização de 70 mil m² de telas formadoras;

- *Produção brasileira de papel/91:* 5.500 mil t. com utilização de 60 mil m² de telas formadoras.

Os especialistas do setor acham que esse maior rendimento das vestimentas é resultado não apenas do melhoramento tecnológico, como também da utilização mais racional por parte do usuário, empenhado em controlar cada vez melhor seus custos.

O mercado disputado pelos fornecedores de vestimentas é difícil no momento, assim como ocorre nos mais diversos segmentos da indústria brasileira, porém com perspectivas imediatas positivas.

“Os estoques nas indústrias de papel foram bastante reduzidos no ano passado” — descreve Gentil Godtsfriedt Filho, gerente de aplicação de produtos da Itelpa. “A retomada começou há pouco, nos últimos meses de maio e junho, mas ainda não podemos afirmar que ela se manterá” — diz.

A Itelpa, um fornecedor histórico de telas formadoras, diversificou a produção para telas secadoras também e aumentou as exportações, recurso utilizado pelo setor mais emergencialmente do que como estratégia. A Albany exportou, no ano passado, 35% de sua produção, bem acima do ponto de equilíbrio de 25%. A Huyck Brasil opera com apenas 60% da capacidade de produção e não esconde que



Gentil Godtsfriedt e Edson Santiago, da Itelpa: compromisso com qualidade.

essa retração não pode ser sustentada pela empresa por muito tempo.

Concorrência de fora

Fazendo investimentos volumosos, lidando com um mercado em recessão e tendo a concorrência interna intensificada, o segmento concorre ainda com a entrada de produtos importados em maior quantidade.

As importações, estimuladas pela política econômica do governo, passaram de 5% para 15% do total de fornecimentos no ano passado, na avaliação de alguns fabricantes sediados no Brasil.

“O imposto de importação hoje é de 40%, vai cair no ano que vem para 30% e em 1994 para 20%” — alega-se Johannes Anselment, há 16 anos assessor da diretoria da Regmed, que representa no Brasil as indústrias de vestimentas alemãs Wuerth-Filztuchfabrik e Peter Villforth, respectivamente nas áreas de feltros e telas secadoras e telas formadoras.

Os produtos importados chegam a

ser acusados pelos fabricantes nacionais como beneficiários de *dumping*, mas, para Anselment, o cliente não compra preço, compra qualidade.

“Na verdade, o cliente necessita de qualidade e compra de acordo com o que lhe parece o melhor desempenho do produto. Os papéis fiduciários, os papéis que não podem ter nenhuma marcação, exigem vestimentas de altíssima qualidade. De qualquer forma, a concorrência é muito salutar e, em última análise, quem sai ganhando é o usuário” — afirma.

O melhor argumento

Embora os fabricantes nacionais não vejam com bons olhos os preços dos produtos importados, que consideram aviltados, são unânimes em concordar que não é o preço o principal argumento de venda.

“Nosso produto determina a qualidade do papel e ninguém usa a palavra parceria mais do que nós” — diz Carlos Caldeira, da Huyck. “Temos um compromisso total de troca de informações com o cliente” — enfatiza Gentil Godtsfriedt, da Itelpa. “Nossa cultura de trabalho é voltada para o pós-venda” completa Vanderson Vendrame, da Albany.

Os técnicos das indústrias fornecedoras trabalham tão intimamente com a indústria papelreira que conhecem as máquinas daquele parque industrial como se fossem engenheiros do seu quadro funcional. É regra corrente a utilização de engenheiros oriundos da indústria papelreira como vendedores e encarregados de assistência e orientação e todos buscam firmar sua imagem com a marca de uma onipresente assistência técnica. Até mesmo a Regmed, com a visita constante de técnicos da Alemanha, mantém uma estrutura sólida de assistência.

Se o acompanhamento da evolução tecnológica é imediato, e o trabalho de aperfeiçoamento de “know-how” é desenvolvido diuturnamente junto à indústria papelreira, o controle de qualidade não poderia deixar de ser outra base de atuação do segmento. Todos os fabricantes desenvolvem modernos programas de qualidade assegurada e garantem produtos similares aos dos exigentes fornecedores lá fora, que atuam com tecnologia desenvolvida em casa.

“A qualidade não é assegurada em 100%, mas em 150%, como nas empresas de aviação” — assegura Edson Santiago.

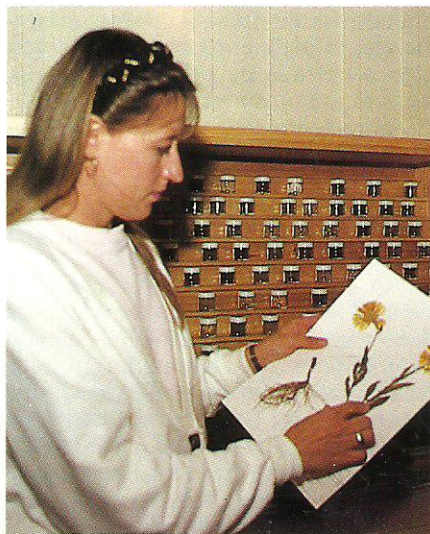


Medicamentos à base de plantas na Klabin

Programa pioneiro de fitoterapia: bons resultados e custo reduzido de remédios.

A bioquímica Loana Johansson e os médicos do Departamento de Saúde da Klabin do Paraná Agro Florestal são responsáveis pelo programa de fitoterapia desenvolvido junto à comunidade florestal da empresa, em Telêmaco Borba, no norte do Estado. Lá são produzidos 231 medicamentos à base de plantas, para aplicação entre o pessoal que trabalha na empresa e familiares, num total de quase 20 mil pessoas. “Hoje, temos produtos com até 96% de eficiência” — orgulha-se Loana, responsável pelo Laboratório de Produtos Fitoterápicos desde 1984.

O tratamento à base de plantas vem desde os primórdios da humanidade e jamais foi completamente substituído pelas drogas químicas. O que diferencia o trabalho desenvolvido pela



Loana Johansson: pesquisas.

Klabin, em Telêmaco Borba, é que há controle profissional do processo. Os remédios fitoterápicos são desenvolvidos em bases científicas; a matéria-prima é, em sua maior parte, obtida ali mesmo, através de coleta não predatória nos 73.000 hectares de florestas preservadas mantidas pela empresa ou de plantios específicos; a fabricação é própria e, portanto, cuidadosamente supervisionada; a administração aos pacientes é feita numa comunidade fechada, tornando possível controlar os resultados obtidos. Assim, pode-se dizer que cada um desses 231 medicamentos passa por uma fase experimental e tem controle de qualidade tão rigoroso quanto aquele existente nos grandes laboratórios farmacêuticos.

Dos 64.565 atendimentos do servi-

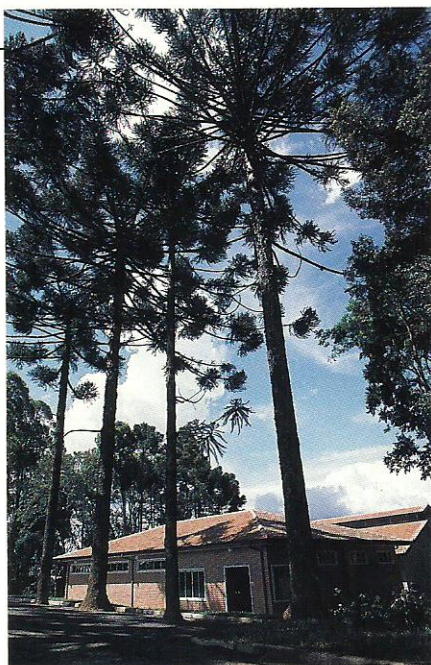
go médico da comunidade florestal da Klabin em 1990, a fitoterapia foi empregada em 70% dos casos: como único remédio em 25% das ocorrências e associada a outros medicamentos em 45%. Casos específicos continuam recebendo tratamento convencional, ao passo que a fitoterapia é utilizada geralmente em problemas básicos de saúde, como gripes, resfriados, diarreias, disenterias, ferimentos, lesões de pele, dispepsias, flatulências e gastralgias, distonias neurovegetativas, entorses, contusões, distensões, mialgias, verminoses, escabioses, pediculoses, hipertensão arterial leve, dermatites e dermatoses.

Não falta quem atribua à fitoterapia, no entanto, a possibilidade de outros usos, inclusive alguns bem pitorescos.

Dante Lago, médico-chefe do Departamento de Saúde, lembra um caso: "certa vez, uma equipe da revista 'Globo Rural' veio fazer uma reportagem aqui em Monte Alegre e ao entrevistar o mateiro José Marcolino Santos — o Dinho — ele, inocentemente, revelou que, ao percorrer as terras da Klabin para mapear o habitat das ervas nativas nela disponíveis, não deixava escapar nada a seu olhar atento, muito menos 'a procuradíssima erva-de-touro que deixa até velho em ponto de bala'. Chegaram cartas às dezenas, de todo o Brasil, querendo encomendar esse milagroso afrodisíaco. Infelizmente, nós nunca havíamos pesquisado a erva-de-touro nem fazíamos remédio com ela, pois a sua atividade terapêutica não está comprovada. Por causa do Dinho, cansamos a mão de tanto responder cartas" — lembra Dante.

Redução nos custos dos medicamentos

Tudo começou em 1981. O médico Luís Antônio Pellegrino obteve aprovação da empresa para implantar o Programa de Fitoterapia na comunidade florestal da Fazenda Monte Alegre, onde há sete núcleos habitacionais que abrigam uma população de cerca de 20 mil pessoas, constituída por funcionários da Klabin e famílias. Pellegrino, entusiástico pesquisador, verificara, depois de fazer um levantamento de 3.200 casos de atendimento de enfermagem, que muitos deles poderiam ser tratados com produtos fitoterápicos, com vantagens para os pacientes e redução de custos para a empresa.



Laboratório de produtos fitoterápicos da Klabin, em Telêmaco Borba, Paraná.

Loana, formada pela Universidade Federal do Paraná, com especialização em homeopatia, foi contratada em 1984 para implantar o programa. Começou pesquisando os padrões culturais da comunidade florestal Klabin, para verificar quais produtos fitoterápicos teriam boa aceitação. Com base nessa pesquisa, fez um levantamento inicial das ervas medicinais, não só na literatura médica como no uso popular (até benzedeiros, raízes e índios foram procurados para transmitir suas experiências).

A etapa seguinte foi relacionar as plantas nas terras da Klabin, as que poderiam ser plantadas e as que teriam de ser adquiridas de terceiros.

Montou-se então um laboratório piloto para iniciar a produção dos medicamentos, em fase ainda experimental.

Definidas as doenças a serem tratadas com fitoterapia, os medicamentos

Proteção à flora e fauna

A fitoterapia faz parte de um amplo Programa de Atendimento Social da Klabin, em cujo bojo se incluem o serviço médico e odontológico, creches e escolas de 1º e 2º graus, assistência e orientação familiar, higiene, segurança e medicina no trabalho, entre outros.

Esse programa se desenvolve na Fazenda Monte Alegre, onde a empresa, junto aos seus 113 mil hectares de reflorestamentos de pinus, eucalipto e araucária, mantém 73 mil hectares de florestas nativas preservadas.

As ervas, que se constituem em matéria-prima básica para os remédios fitoterápicos, são obtidas, em sua maior parte, dessa reserva nativa, onde a empresa realiza programas de proteção à flora e à fauna. O Centro de Interpretação da Klabin, responsável por esse trabalho de preservação, já identificou 247 espécies de aves, algumas delas raras e ameaçadas de extinção, além de mamíferos, como o tamanduá-bandeira, o lobo-guará, a lontra e a onça-parda, que encontram refúgio na reserva florestal.



A extração dos princípios ativos das plantas desidratadas: percolação.



apropriados e as dosagens, restou fazer a “sintonia fina” — trabalho facilitado pelo fato de que cada um dos sete núcleos habitacionais conta com uma enfermeira e uma auxiliar de enfermagem que acompanham todo o desenrolar dos casos e transmitem indicações precisas sobre a eficácia dos remédios.

A partir de 1989, com a construção de um novo laboratório e dos viveiros para as plantas medicinais, passou-se à etapa de semi-industrialização de medicamentos, ampliando-se o atendimento para a comunidade.

97% das pessoas dão preferência aos produtos fitoterápicos

Existe na Fazenda Monte Alegre uma farmácia, onde são vendidos tanto medicamentos fitoterápicos quanto alopáticos.

Todo medicamento fitoterápico prescrito pelos médicos da empresa tem 50% de desconto, sendo o valor debitado em folha de pagamento. Os recursos obtidos com a venda desses remédios são aplicados em novas pesquisas e desenvolvimento de produtos.

A aceitação por parte da comunidade florestal é quase total: 97% das pessoas dão preferência aos produtos fitoterápicos, principalmente por causa do sabor, pela vantagem do preço inferior e pelo fato de serem naturais. “Muitos pacientes da nossa comunidade chegam a recusar remédios convencionais” — diz Dante.

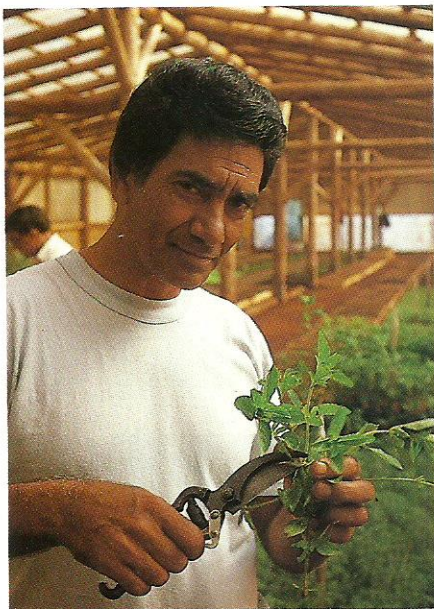
A equipe de médicos — Dante Lago, Francisco Johansson e Eros Danilo Araújo — foi liberada pela Klabin a receitar remédios fitoterápicos



Ao alto, a farmácia na Fazenda Monte Alegre: medicamentos alopáticos e fitoterápicos à disposição da comunidade. Na foto do centro, aplicação de antisséptico à base de acácia, substituindo o mercúrio cromo e água oxigenada.

Ao lado, a seleção das plantas é etapa das mais importantes do processo para a obtenção de produtos de alta qualidade.





O mateiro "Dinho": olhar atento para identificar e coletar ervas nativas.

aos seus pacientes externos à empresa. Mas não é a única via pela qual pessoas de várias cidades paranaenses estão tomando conhecimento do programa e se dirigindo à farmácia da Fazenda Monte Alegre para adquirir esses medicamentos, apresentados na forma de chás, pós, cremes, tinturas, pomadas, xampus, xaropes, pastilhas e suspensão. A propaganda boca-a-boca tem promovido uma grande divulgação do programa.

Há ainda quem confunda fitoterapia com homeopatia. A maior diferença é que a fitoterapia utiliza-se de plantas como matéria-prima final; já a homeopatia, além de plantas, também se utiliza de minerais e substâncias animais, sendo que essas matérias-primas são dinamizadas, visando obter energia que possa atuar positivamente sobre a energia vital do paciente.

Os efeitos colaterais decorrentes da aplicação de alguns remédios alopatóicos têm levado a um crescente interesse pela fitoterapia, cujo processo de absorção pelo organismo tende a ser mais fácil, por ser natural. E, se as drogas alopatóicas, geralmente, são mais potentes e rápidas, o efeito das ervas medicinais é considerado mais duradouro e, em alguns casos, consegue ser igualmente rápido. Daí, a curiosidade que o programa fitoterápico da Klabin vem despertando, tanto que recebe visitas de especialistas do Brasil e do exterior — cientistas, médicos, farmacólogos etc. Loana lembra

que na Alemanha, país que mais desenvolveu as drogas sintéticas, registra-se uma reação a elas e, hoje, mais de 40% dos medicamentos têm como base as plantas.

50 espécies de plantas são obtidas nas florestas nativas

O importante, entretanto, é obter remédios fitoterápicos inteiramente confiáveis. Das plantas utilizadas como matéria-prima na Fazenda Monte Alegre, segundo o técnico agrícola Luís Vicente, 50 são obtidas nas florestas nativas preservadas mantidas pela Klabin; 58 são cultivadas e outras 18 são adquiridas de terceiros.

O acompanhamento das plantas nativas é feito pelo mateiro Dinho, que sai uma vez por mês para identificação das plantas e programação das coletas.

O cultivo, por sua vez, é feito somente com o uso de adubo orgânico. As equipes de coleta (três pessoas) saem sempre pela manhã e à tarde é feita a seleção do material recolhido.

A coleta de plantas das quais serão utilizadas as folhas deve ser feita na parte da manhã, depois que seca o orvalho e antes do sol mais intenso,

pois, ensina Loana, é neste período que os princípios ativos estão mais concentrados.

Quando se vai adquirir matéria-prima de terceiros, é preciso verificar se estes procedimentos foram seguidos e controlar rigorosamente a qualidade.

A classificação da planta é igualmente fundamental. Plantas diferentes têm o mesmo nome em regiões diversas e, se não houver acompanhamento competente, isto pode dar margem a confusões.

Finalmente, a própria utilização dos remédios fitoterápicos deve ter sempre controle médico. As plantas também têm suas contra-indicações; o confrei, por exemplo, deve ser usado em via externa, porque possui alcalóides em sua constituição e, caso se acumulem no fígado, pode provocar intoxicação. E as dosagens devem ser religiosamente respeitadas, lembra Loana: "É errado dizer que chá, se bem não fizer, mal não fará". A pessoa precisa saber corretamente porque e em que quantidade tomar, pois, em excesso, pode fazer mal.

O programa desenvolvido pela Klabin abrange o ciclo todo, ou seja: produção da matéria-prima, sua transformação em medicamento, a aplicação sob controle médico e pesquisa contínua em todas essas etapas.



Cuidados especiais são adotados na embalagem de ervas para chá.



Ripasa aposta no mercado externo para driblar a recessão

Surpreendida pela crise econômica do País, no momento de entrada em funcionamento de sua nova linha de fabricação de papel, a Ripasa não se intimida: vai buscar no exterior o faturamento perdido no mercado interno.

“**A** saída para a crise é exportar. Quem tem um bom canal de distribuição, como o conglomerado Ripasa, vai conseguir atravessar mais esta etapa difícil da vida nacional”. A afirmação é do diretor comercial da Ripasa, Walter Zarzur Derani, cujo otimismo se mantém inabalável, apesar da conjuntura recessiva que a economia brasileira atravessa exatamente no momento da entrada em funcionamento da nova máquina de papel do grupo, duplicando sua capacidade de produção de papéis para imprimir/escrever.

Providencialmente, aliás, a Ripasa já havia vendido toda a produção dos

três primeiros meses da nova linha de fabricação de papel para o exterior, de forma que seus planos não foram afetados pelos percalços do mercado interno no primeiro trimestre de 1991. “No período de ajuste da máquina, decidimos vender a produção para mercados de menor exigência de qualidade. Foi uma venda orientada” — explica Derani.

Com o aumento da capacidade produtiva, que lhe permitirá fabricar 390 mil toneladas anuais de produtos derivados de celulose de fibra curta branqueada, a Ripasa deverá assumir o segundo lugar no ranking da indústria de celulose e papel, confirmando a

irresistível vocação para o crescimento, que marca seus 33 anos de existência.

Em 1958, o início. O nome veio 7 anos depois...

O grupo Ripasa nasceu em 1958, quando as famílias Derani, Zarzur e Zogbi associaram-se e assumiram o controle acionário da Limeira S/A Papel e Cartolina (que hoje é a unidade Limeira I). Em 1965, as famílias adquiriram a totalidade das ações da indústria de cartões Ribeiro Parada S/A, que possuía uma pequena fábrica de celulose chamada Ripasa S/A Ce-

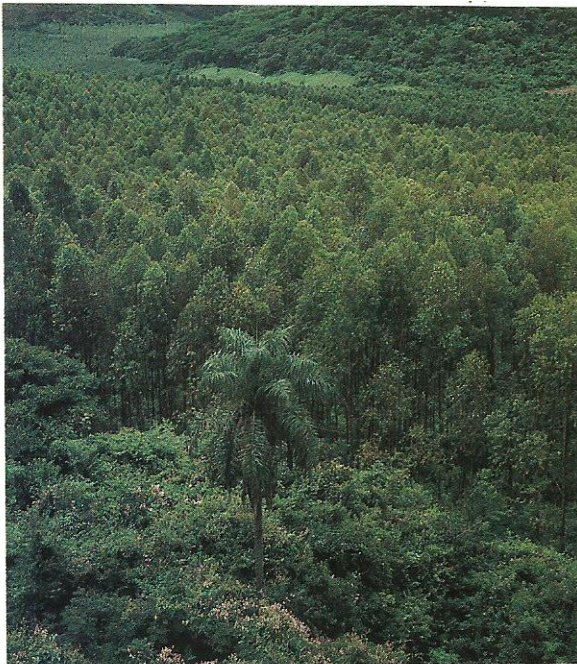
lulose e Papel; nas mãos dos novos proprietários, a produção de celulose foi expandida, no período de cinco anos, de 10,2 mil t/ano para 34 mil t/ano.

Em 1968, visando a formação de uma reserva estratégica de florestas, que permitisse a futura auto-suficiência em madeira para a fábrica de celulose, o grupo constituiu uma empresa rural — a Cia. Reflorestadora Nacional (atual Divisão Ripasa Florestal). No mesmo ano, foi adquirida a Cia. Santista de Papel, um tradicional fabricante de papéis especiais.

“A formação do grupo se deu através de um processo de aquisição e expansão do que foi adquirido, de forma integrada” — diz o gerente de Planejamento Econômico e Financeiro, Jaime Salazar. “Inicialmente cuidamos da expansão da área florestal, depois passamos para a expansão dos seus derivados”.

Assim, a década de 70 foi marcada pelo crescimento “para dentro”. Em 1973 concluiu-se o segundo projeto de ampliação da planta de celulose, aumentando a capacidade produtiva para 102 mil t/ano, o que tornou a Ripasa um dos maiores produtores de celulose do País. Em 1978, a Ripasa começou a operar comercialmente sua primeira máquina de papéis para imprimir/escrever, com produção de 50 mil t/ano, que, dois anos mais tarde, foi elevada para 75 mil t/ano. Finalmente, em 1979, foram iniciadas as vendas ao mercado externo, realizadas através de uma empresa criada especificamente para tratar da comercialização no exterior, a Rilisa Trading; naquele ano, da produção de 70 mil t de papel 34% foram exportados.

A última aquisição se deu em 1981, quando foi comprada a Cia. de Papéis e Papelão Yasbek (atualmente unida de Ripasa II), aumentando a participação do grupo no mercado de cartões. Mas o acontecimento de maior destaque nos anos 80 foi a abertura de capital, com o lançamento de debêntures em 1982, a primeira emissão de ações em 1985 (ano em que, participando de menos de nove meses no pregão, já se colocou como a primeira empresa do setor em número de negócios e quantidade negociada), a segunda em 1986 e a mais recente em fevereiro do ano passado — esta última visando o aumento de capital para respaldar investimentos em curso, principalmente a nova máquina de papel.



As florestas homogêneas convivem com matas de preservação permanente e garantem a auto-suficiência em madeira para a produção de celulose

O canteiro de mudas reflete a aplicação de tecnologia de biogenética com a reprodução de espécies de alto rendimento



Ainda na década passada concluiu-se, em 1983, o projeto de duplicação da capacidade de produção de celulose, que passou a ser de 204 mil t/ano. Em 1986 foi criada a Rilisa Distribuidora, um segmento comercial da Rilisa Trading, voltada aos clientes de menor porte do mercado interno de papel e que possibilitou ao grupo atuar diretamente no mercado de distribuidoras; hoje, com matriz no Parque Novo Mundo, a Rilisa Distribuidora tem filiais em Campinas, Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte.

Investimento de US\$ 150 milhões na Ripasa I

A maior e mais importante unidade produtiva do grupo é a Ripasa I, localizada num terreno de 1,2 milhão de m², em Limeira, interior paulista. Nela vinham sendo produzidas 260 mil t/ano de celulose fibra curta e 90 mil t/ano de papéis brancos para imprimir/escrever (papéis para uso edito-

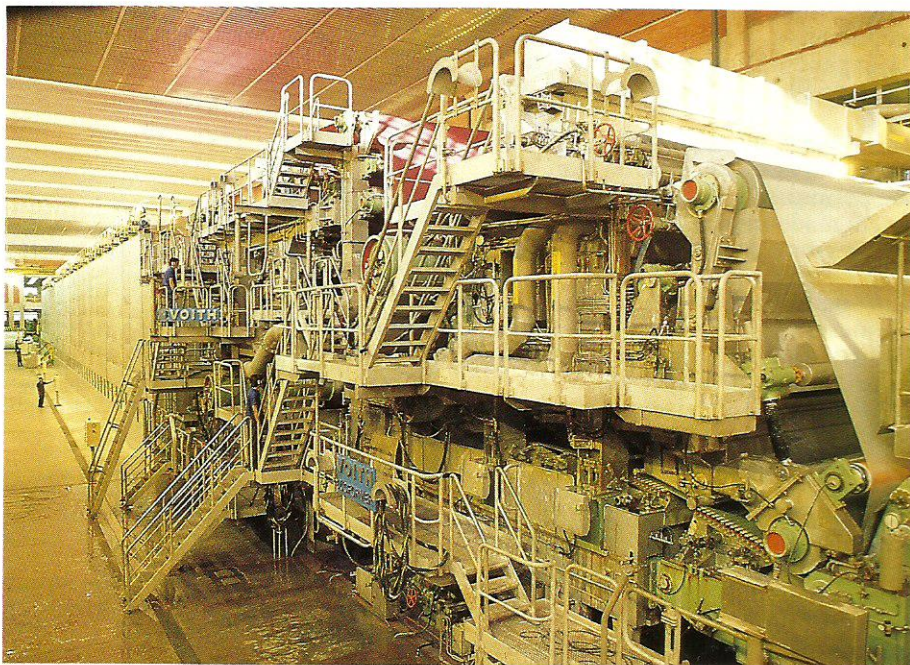
rial, cadernos, formulários contínuos, etc.), com gramaturas variando entre 56 e 120 g/m². Tudo isso muda com a nova máquina de papel, que deverá operar no primeiro ano com 70% de sua capacidade, devendo atingir 100% em 1992; aí, com o acréscimo à sua produção de 140 mil t/ano de papéis para imprimir/escrever, a Ripasa saltará da quarta para a segunda posição entre os fabricantes nacionais de produtos derivados de celulose de fibra curta.

“Trata-se de uma máquina de altíssima tecnologia, com sistema digital de controle distribuído SDCCD” — entusiasma-se Derani. Fabricada no Brasil pela Voith, é do tipo Doufornier-CF, desenvolvida recentemente e que proporciona elevada eficiência com formação simples, assegurando alta velocidade do papel em toda a máquina. Segundo os fabricantes, o papel produzido será de superior qualidade e uniformidade, devido aos so-

fisticados controles transversais (*Cross Direction*), ao controle computadorizado, aos modernos cortadores e às estações de acabamento e embalagem. As especificações da máquina são: largura, 5,4 m; velocidade, 1.280 m/min; eficiência esperada de 94%, com gramaturas variando entre 50 e 75 g/m².

O investimento, de acordo com Salazar, foi de US\$ 150 milhões. E uma das conseqüências da ativação da nova linha é que a Ripasa deixará de vender celulose para terceiros, destinando-a toda para fabricação de seu papel.

A Cia. Santista de Papel, localizada



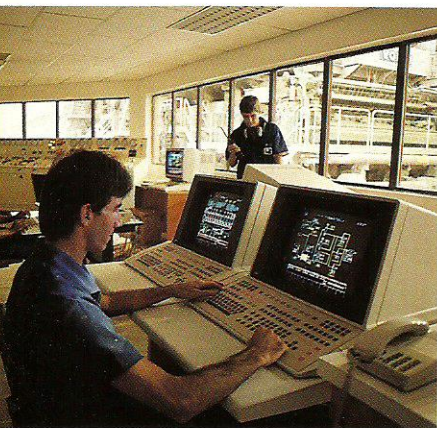
Com a MP II, mais 140 mil t/ano de papel de imprimir/escrever.

numa área de 55 mil m² em Cubatão, no litoral sul paulista, é pioneira no setor de celulose e papel, tendo iniciado suas atividades em 1922. Hoje, sua capacidade de produção é de 70.000 t/ano de papéis para imprimir/escrever (59% desse total), cartolinas (31%) e especiais (10%).

A Ripasa II, localizada num terreno

de 39 mil m² em Embu, na Grande São Paulo, foi a primeira indústria brasileira a fabricar cartão duplex revestido. Atualmente, sua capacidade de produção é de 36.000 t/ano de cartões duplex para embalagens, com gramaturas variando de 250 a 450 g/m².

A célula inicial do grupo, a Limeira



Sistema de automação industrial: eficiência no controle de qualidade.

RH tem decálogo e gestão participativa

A área de recursos humanos merece atenção especial da Ripasa, um dos grupos que mais investem na melhoria qualitativa de sua mão-de-obra, adotando o modelo de empresa enxuta, com equipes reduzidas e de superior desempenho. O diretor de Recursos Humanos, Jerônimo José Garcia Ruiz, é taxativo: "A base de nossa filosofia é que o lucro da empresa jamais deve advir do rebaixamento dos salários, mas sim da eficiência e competitividade. Incentivamos a fixação dos bons funcionários, oferecendo: remuneração adequada, chances de carreira, ótimo ambiente de trabalho e investimentos no seu desenvolvimento profissional".

Através de uma série de seminários com todos os níveis de comando, a Ripasa identificou há alguns anos os valores que deveriam fundamentar sua política de recursos huma-

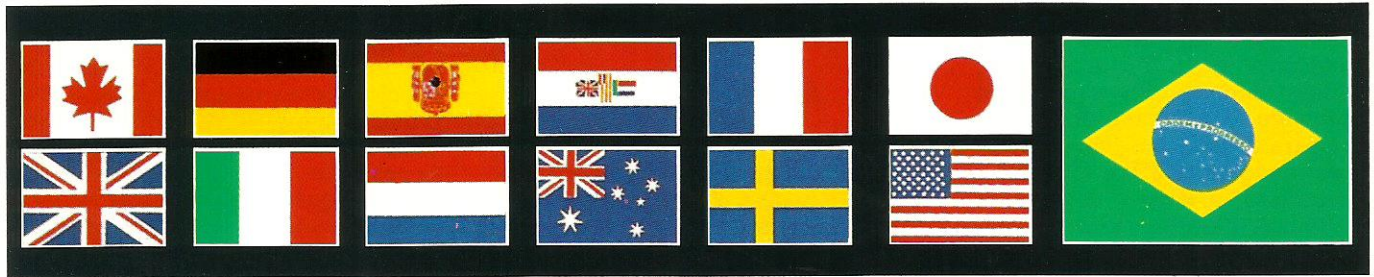
nos, daí resultando um decálogo de princípios. O primeiro deles: **Criar condições para que os objetivos da empresa e dos empregados sejam comuns.** "Ficou evidente que a característica da empresa era a participação ampla no processo de decisão", lembra Ruiz. "A partir daí desenvolvemos uma série de programas de gestão participativa."

Um deles é um sistema de avaliação de desempenho à base de metas e desafios fixados conjuntamente por chefes e subordinados aplicado ao nível gerencial. Os próprios avaliados sugeriram quais seriam os fatores auxiliares de avaliação e, segundo Ruiz, a definição de metas permite-lhes saber claramente o que o chefe e a empresa esperam deles, "para que possam ser avaliados em bases justas e, de acordo com seu desempenho, terem acesso às promoções. Além disto, o processo facilita

a identificação dos pontos fortes e fracos da equipe, permitindo direcionar melhor o treinamento".

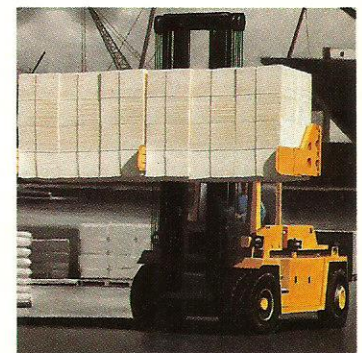
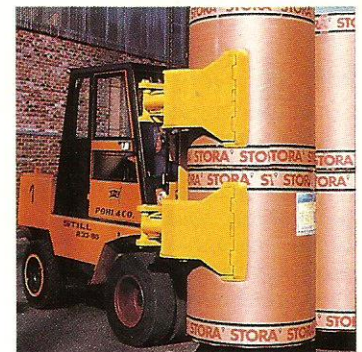
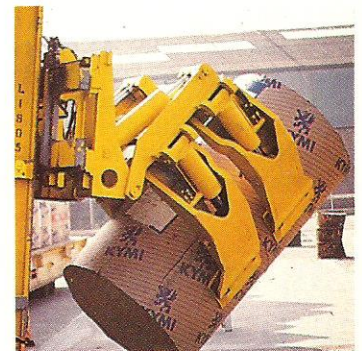
Paralelamente, fez-se um plano de classificação de cargos da empresa, inclusive em nível gerencial, com descrição de todos os cargos, funções e respectivas faixas salariais. Trata-se de uma ferramenta para o desenvolvimento da política de aumentos e promoções, daí ser considerada por Ruiz "um instrumento de justiça".

Há, também, um sistema de avaliação de características e potencial dos gerentes, através do qual se detectam suas aptidões para assumir maiores responsabilidades. E, cruzando as informações da avaliação de desempenho e da avaliação de características e potencial, desenvolveu-se um plano de sucessão que permite à empresa saber, a cada momento, com quem conta para substituir os executivos de alto escalão. Assim, exemplifica Ruiz, se dos três subordinados de um diretor apenas um está em condições de substituí-lo, a empresa investe no seu desenvolvimento, pois a Ripasa quer "um time jogando e um banco de reservas à altura".



VEJA O NOSSO PAPEL NA MOVIMENTAÇÃO DE MATERIAIS.

A NSJ EQUIPAMENTOS PARA MOVIMENTAÇÃO DE MATERIAIS LTDA. licenciada CASCADE CORPORATION, a maior fabricante mundial de acessórios para empilhadeiras, com fábrica em 12 países, integrando-se à indústria de papel e celulose, produz no Brasil toda a linha de produtos Cascade, eliminando riscos de danos e agilizando a movimentação de seus produtos finais.



NSJ EQUIPAMENTOS PARA MOVIMENTAÇÃO DE MATERIAIS LTDA.

ESCRITÓRIO DE VENDAS E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
R. Lopes Chaves, 380 - São Paulo - SP - Cep 01154
Telefone (011) 825-0099 - Telefax 66-0340

FÁBRICA
R. João Franco de Oliveira, 75 - Piracicaba - SP
Cep 13400 - Telefone (0194) 33-1211 - Telefax 33-1605



I, está instalada numa área de 25 mil m², no município paulista do mesmo nome. Também aí se localiza a Limeira II — antiga Ribeirão Parada S/A —, com área de 16 mil m². Juntas, estas duas unidades têm capacidade produtiva de 65 mil t/ano de cartões duplex para embalagens, com gramaturas variando entre 250 e 450 g/m².

Além disto, a Ripasa conta com uma Unidade Florestal. Como é chamada a divisão que administra atualmente cerca de 70 mil ha, divididos em oito parques florestais, localizados a uma distância média de 230 km da planta industrial de celulose, na Ripasa I. De sua área total, 45.683 ha encontravam-se reflorestados em setembro do ano passado e outros 3 mil ha estão sendo implantados até dezembro próximo. Atualmente, a Ripasa supre com florestas próprias 75% de

suas necessidades de madeira para produção de celulose e energia, devendo elevar este percentual para 90% até 1994.

Exportações em alta nos últimos anos

A capacidade de produção atual do Grupo Ripasa é de 260 mil t/ano de celulose, 264 mil t/ano de papéis para

imprimir/escrever, 95 mil t/ano de cartões e 30 mil t/ano de papéis especiais.

Um dado significativo é que as exportações vêm assumindo grande peso, nos últimos anos, nas vendas de papel e cartão do grupo Ripasa. No primeiro semestre de 1991, foi destinada a este mercado cerca de 60% da produção total do período.

É este quadro que embasa as perspectivas otimistas de Walter Derani, para quem “a solução, até que o mercado interno novamente se aqueça, é exportar”. A receita, aliás, não serve apenas para o setor celulósico-papeleiro, diz ele: “O aumento da exportação é o caminho para todas as indústrias nacionais. Trata-se da grande alternativa para evitar um índice indesejável de capacidade ociosa enquanto durar a retração do mercado interno”.

Empresa-modelo em tratamento ambiental

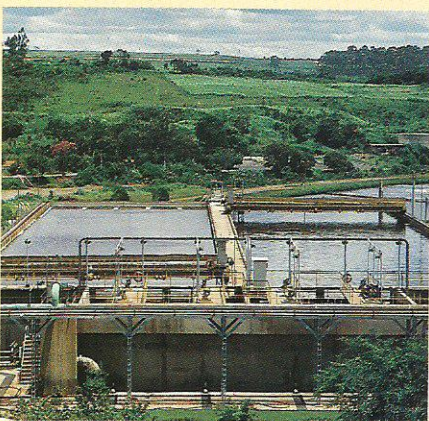
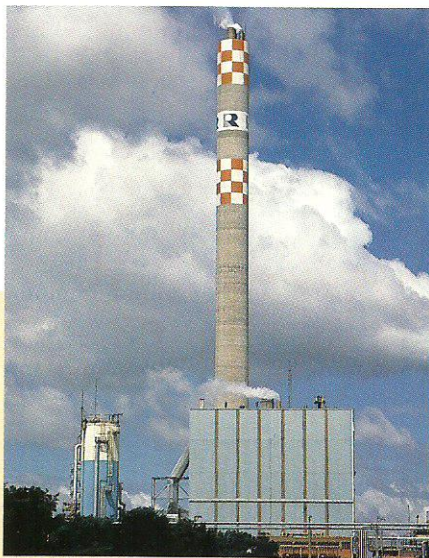
“**A** Ripasa é uma empresa-modelo em tratamento ambiental”. Esta frase constitui praticamente um lugar-comum dentro da empresa, onde sempre é proferida com indisfarçável orgulho. E o gerente do Departamento de Controle do Meio Ambiente, Eduardo Antônio Mambrim, não foge à regra. Lembra, inclusive, que esta condição privilegiada é reconhecida não apenas no País, mas também fora de nossas fronteiras, já que a Ripasa recebe freqüentes convites para participar de eventos internacionais de cunho ambiental.

Segundo Mambrim, o grupo já tinha tratamento ambiental em 1976, “mas não era dos mais sofisticados”. Aí, com a criação da Cia. de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb) e elaboração de uma legislação bem mais rígida, a Ripasa se mobilizou para “cumprir rigorosamente todas as prescrições e, até, antecipar-se a elas”. Neste sentido, foram feitos investimentos de US\$ 35 milhões, nos dez anos seguintes, englobando:

- tratamento de efluentes gasosos (gases odoríficos e material particulado), com eficiência de 99,7%;

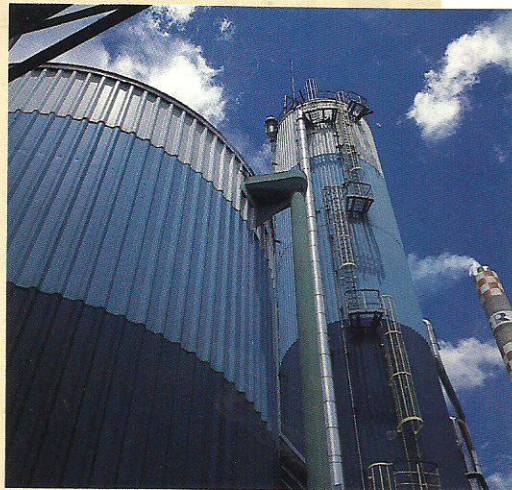
- tratamento de efluentes hídricos decantadores e lagoas aeradas, com eficiência de 95% de redução da carga orgânica;

- reciclagem de resíduos sólidos, que são transformados em adubo para as próprias fazendas do grupo (corrigem o pH do solo e levam micronutrientes para as plantas);



— controle do lençol freático, evitando sua contaminação.

Para controlar a eficiência de todos os seus equipamentos, a Ripasa implantou na sua fábrica de celulose um moderno laboratório de proteção ambiental que, durante 24 horas por dia, realiza ensaios de toxicidade crônica e aguda, conforme explica Mambrim: “Criamos organismos-testes no laboratório (bactérias, microcrustáceos e peixes) e avaliamos a toxicidade dentro da própria fábrica e a eficiência do tratamento de efluentes. Através disto, temos a certeza, por exemplo, de que



O Programa de Proteção Ambiental da Ripasa realizou investimentos da ordem de US\$ 35 milhões, com instalação de equipamentos sofisticados, como o sistema Lockman, a chaminé multitubular e estação de tratamento.

a Ripasa não provoca toxicidade crônica ou aguda na biota do rio Piracicaba”.

No Departamento de Controle do Meio Ambiente trabalham 47 profissionais, entre supervisores, operadores, técnicos, químicos, biólogos e a Comissão Interna de Meio Ambiente. E Mambrim é incisivo: se o departamento considerar necessária a interrupção das atividades para evitar um impacto ambiental, tem plena autoridade para tanto. “Quando estamos em nível de alerta e há risco de chegar a emergência, paramos a fábrica, fazemos a correção e só então voltamos a funcionar”.

QUANDO QUEBRAR É BOM.

Certos produtos vivem quebrando recordes de produtividade.

As vestimentas da Huyck (telas formadoras, filtros e telas secadoras) estão dentro deste círculo de produtos de alta durabilidade em serviço, e estão colhendo recordes e recordes nas fábricas, deixando seus usuários com um sorriso de satisfação pela eficiência demonstrada.

Quebrar recordes é bom. E para a Huyck é a comprovação de que vale a pena dedicar-se ao constante aprimoramento tecnológico de seu setor produtivo, ao atendimento imediato aos pedidos de assistência técnica e ao fornecimento de vestimentas de qualidade.

Quem está usando os produtos Huyck percebe que acertou na escolha, pois os recordes estão aí para comprovar.

E se a sua fábrica não tem batido recordes, quebre o regime: use Huyck. Quem domina o que faz, faz melhor.

Huyck **Brasil**

O DOMÍNIO DA QUALIDADE

Em debate novas opções para celulose e papel

Empresários e representantes governamentais buscam diagnóstico sobre necessidades e competitividade do setor

Mesmo gozando de algumas vantagens comparativas importantes em relação ao resto do mundo, como o menor tempo de cultivo da madeira, o setor de celulose e papel brasileiro terá que fazer um grande esforço em termos de capacitação tecnológica para manter e, se possível, aumentar sua participação na produção e no comércio mundial, dentro da estratégia de globalização da economia.

Pelos dados disponíveis, o setor perde, atualmente, cerca de 30% da produção durante o processo de fabricação e é fortemente dependente de recursos públicos para investimentos.

Estes são alguns dos pontos que serão levados à discussão, em setembro, no Rio de Janeiro, durante o V Seminário "Atualidade na Indústria de Celulose e Papel", no BNDES.

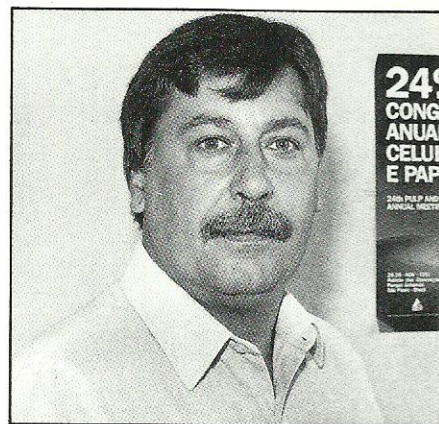
De acordo com a classificação da American Paper Institute (API), divulgada em março de 1990, o Brasil

ocupa a 11ª posição na produção mundial de papel. No ano passado, o setor produziu 4,8 milhões de toneladas de papel (0,6% menos que em 1989) e 3,9 milhões de toneladas de celulose (0,6% mais do que no ano anterior). As exportações de papel chegaram a 939,8 mil toneladas, com um crescimento de 14,4% em relação a 1989 e a participação no PIB brasileiro ficou em 1,4%.

Com os investimentos programados (ver matéria sobre recursos externos, nesta edição), da ordem de US\$ 10 bilhões, a capacidade de produção do setor deverá duplicar até o ano 2000. Alguns projetos já foram até concluídos, como é o caso da fábrica que a Aracruz inaugurou, com capacidade para produzir 1.000.000 t de celulose por ano, envolvendo aplicações de US\$ 1,2 bilhão.

Atualmente, o Brasil possui 1,7 milhão de hectares de reflorestamentos e vem plantando 70 mil hectares/ano. Se este ritmo for mantido, o País poderá adicionar 20 milhões de metros cúbicos por ano de madeira no final do século e ampliar sua produção em 5,5 milhões de toneladas de celulose e papel, conforme dados do Grupo de Reflorestamento, Papel e Celulose, apresentados na reunião do Ceal — Conselho Empresarial da América Latina, em Buenos Aires, em junho. Ainda de acordo com estes dados, o mercado interno brasileiro, que consome 26 quilos de papel/ano per capita, contra 232 quilos na Europa e Estados Unidos e 322 no Japão, deverá absorver 3 milhões de toneladas de celulose e papel e o restante será exportado.

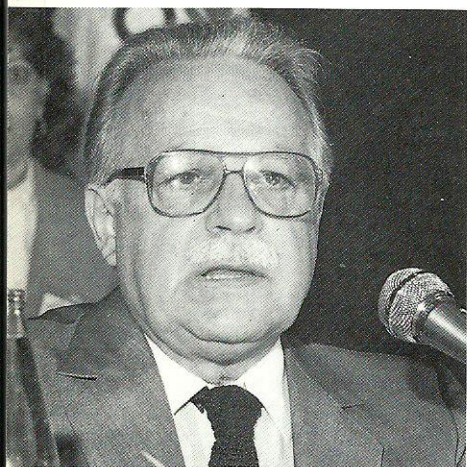
Um dos objetivos do Seminário, conforme explicou Maurício Luiz Szacher, presidente da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP), uma das realizadoras do encontro junto com a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, Associação Paulista de Fabricantes de Papel e Celulose e BNDES,



Cláudio Campos: associação com capital estrangeiro.

é apresentar um diagnóstico enfocando as necessidades e a competitividade do setor. Neste sentido, será exposto um trabalho que está sendo desenvolvido pela ABTCP, sobre as realizações do setor na área de qualidade e produtividade, com vistas a conviver num cenário de maior concorrência. A avaliação prévia feita pelos técnicos da ABTCP indica que o perfil da indústria de celulose e papel é muito heterogêneo, como aliás ocorre com todo o parque industrial brasileiro, com algumas ilhas de excelência e um status geral de país "lanterna" em eficiência. A classificação é do Fórum Mundial e do Instituto Europeu de Administração de Lausanne, na Suíça.

Nos últimos anos, diz Szacher, o setor tem tomado cerca de 12% dos recursos disponíveis no BNDES. E a intenção é continuar contando com recursos também de fontes governamentais para vencer o atraso. "Não haverá crescimento se não houver casamento entre a política econômica



Gastão Campanaro, da Inpacel: US\$ 600 milhões em investimentos.



Maurício Szacher:
*mais qualidade e
maior produtividade.*

e a tecnologia” — diz ele. Das 198 empresas que compõem o setor, observa o presidente da ABTCP, algumas podem ser consideradas modernas, com tecnologia avançada, enquanto outras terão que trabalhar muito para permanecer no mercado com competitividade.

Uma das propostas que serão apresentadas no Seminário, segundo Cláudio de Campos, vice-presidente da ABTCP, é a possibilidade de associação com o capital estrangeiro, visando desta forma facilitar o acesso à tecnologia e a novas fontes de recursos para investimento.

Um dos problemas que o País enfrenta — observa Campos —, é que o custo operacional torna-se muito elevado para produzir um papel que seja competitivo em termos de qualidade. Para resolver este problema — diz ele — o setor de celulose e papel terá que enfrentar o desafio de realizar uma enorme reciclagem de seus processos de produção e de gestão empresarial.

Mesmo sabendo que montar uma fábrica no Brasil custa 70% mais caro que nos Estados Unidos, conforme dados em poder do Ministério da Economia, o grupo Bamerindus decidiu aceitar o desafio da atualização tecnológica, na área de papel e celulose, através de sua Indústria de Papel e Celulose (Inpapel). Gastão Campanaro, consultor mercadológico da empresa, informou que o Bamerindus está investindo US\$ 600 milhões, com participação do BNDES, na construção de uma fábrica com tecnologia de última geração, em Arapoti, a 400 quilômetros de Curitiba, no Paraná, que começará a operar em dezembro próximo. A intenção é produzir 400 toneladas/dia de papel para imprimir e escrever, à base de pasta mecânica. Hoje, não há similar do chamado “light weight coated” (cuchê), no Brasil, a não ser importado.

A evolução deste projeto, que será assunto de uma mesa redonda, dá uma demonstração, observa Campanaro, dos custos de implantação de uma unidade de produção no Brasil. Os gastos iniciais foram orçados em US\$ 380 milhões, mas hoje quase duplicaram. Mas não há outra saída — diz ele — senão tentar ser competitivo enfrentando as condições locais. Uma das metas da Inpapel é atingir o mercado externo.

Pelas metas traçadas para a empresa, será necessário um período entre dois e quatro anos para que seja ven-

cida a chamada “curva de aprendizado”, inclusive em relação ao uso do equipamento. Só a partir daí — observa Campanaro — é que a Inpapel começará a medir, com mais rigor, os indicadores de qualidade e produtividade. A médio e longo prazos, a intenção é substituir, no Brasil, todo o papel que é importado atualmente, por revistas como Veja e Visão e outras. O Brasil importa algo em torno de 75 mil toneladas deste papel, por ano.

DATA: 20/09/91
LOCAL: Auditório BNDES
Av. República do Chile, 100
Rio de Janeiro — RJ

PROGRAMA

Período da manhã — Tema: **Papel**

- 9h00 — **Abertura**
Otávio Augusto Fontes Tourinho — Diretor do BNDES
- 9h25 — **“Momento Atual da Indústria de Celulose e Papel”** — Horácio Cherkassky
- 9h45 — **Diagnóstico, Necessidades e Competitividade do Setor Papel**
• Dados estatísticos — Raul Calfat (Simão)
• Perfil econômico — Adhemar Magon (Suzano)
• Perfil político — Osmar E. Zogbi (Ripasa)
- 11h30 — **Mesa Redonda**
“Enfoque Mercadológico Sobre Novas Unidades de Produção”
• Walter Derani (Ripasa)
• Carlos Gallo Neto (Celpav)
• Rogério Ziviani (Bahia Sul)
• Gastão E. Campanaro (Inpapel)

Período da tarde — Tema: **Celulose**

- 14h00 — **Diagnóstico do Setor Pastas**
• Pasta Química Fibra Longa — Eraldo S. B. Merlin (Klabin)
• Pasta Química Fibra Curta — Boris Tabacof (Bahia Sul)
• Pasta Alto Rendimento — José Carlos Gomes de Carvalho (Inpapel)
- 15h30 — **Mesa Redonda**
“Expansões e Demanda no Período 1991/1996”
• Alexandre Yambanis (Aracruz)
• Rogério Ziviani (Bahia Sul)
• José Carlos N. Marreco (Cenibra)
• Cesar Tomé (Monte Dourado)
• Paulo Vieira Belotti (Norcell)
- 16h45 — **Posicionamento do BNDES para o setor de Celulose e Papel**

MODERADOR:

Matathia Politi
Diretor Regional da ABTCP no estado do Rio de Janeiro

Informações: ABTCP — (011) 66-7374 e 825-9781.

Ronaldo Guedes Pereira

O principal desafio ainda está em projeto

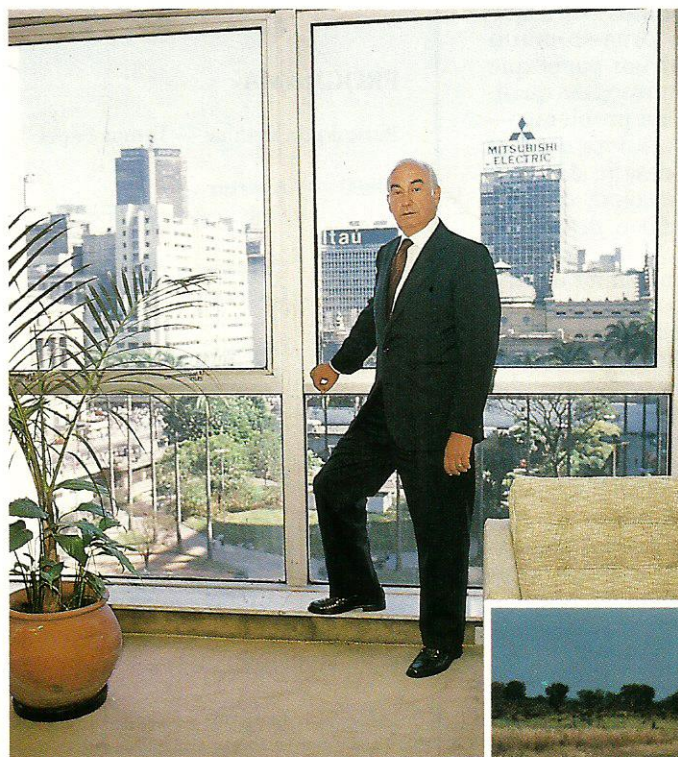
O dirigente da Champion interrompeu a carreira de professor para enfrentar os desafios de administrador.



Ronaldo Guedes Pereira, diretor executivo da Champion há 12 anos e primeiro comandante brasileiro da empresa, se auto-classifica como um homem de fé: fé no trabalho, nas potencialidades do País e nos destinos do segmento de papel e celulose. Esse otimismo vem de uma convicção básica de que o trabalho é que constrói e que as dificuldades só são problemas verdadeiros se forem encaradas assim; se, ao contrário, forem vistas como desafios, acabam levando os homens e os países para a frente.

“O Brasil não vai fechar”, repete Guedes Pereira. “Eu digo isso para os meus funcionários e digo também para o presidente da Champion, nos Estados Unidos. Os últimos dois anos não foram fáceis, mas nós é que temos que fazer esse País crescer, cada um à sua maneira” — revela.

Ronaldo Guedes Pereira nasceu no Rio de Janeiro há 57 anos, mas é, antes de mais nada, um piracicabano prático. Passou a infância e uma grande parte da vida nessa cidade e lá também foi professor da Escola Superior de Agronomia por oito anos, de 1963 a 1971. Como mestre da cadeira de Recursos Florestais, participou da criação do Departamento de Engenharia Florestal que acabou dando origem à escola do mesmo nome, que funciona hoje como unidade indepen-

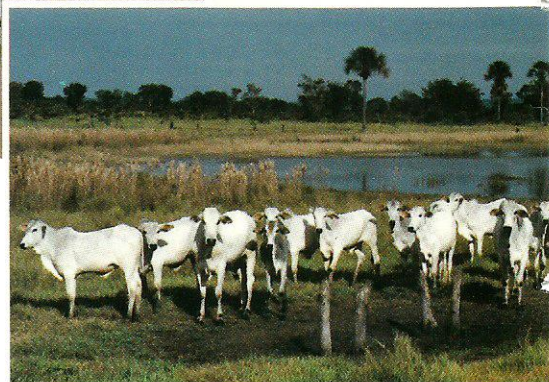


dente, ao lado da escola de agronomia mais conhecida do País.

A verdadeira vocação

O período em que Guedes Pereira foi professor de faculdade foi a única interrupção numa carreira profissional sempre exercida dentro da Champion. “Mas não nasci para ser professor. Depois de um tempo, senti falta dos desafios, queria mesmo é administrar” — afirma. Admitido em 1959 na Champion, aos 26 anos, como auxiliar no Departamento de Aquisição de Madeira, voltou à empresa em 1971, trabalhando na área florestal, onde tornou-se diretor da área de Re-

Administrar nunca foi monótono. Mas quando vier a aposentadoria vou cuidar dos meus bois lá na fazenda de Mato Grosso do Sul.

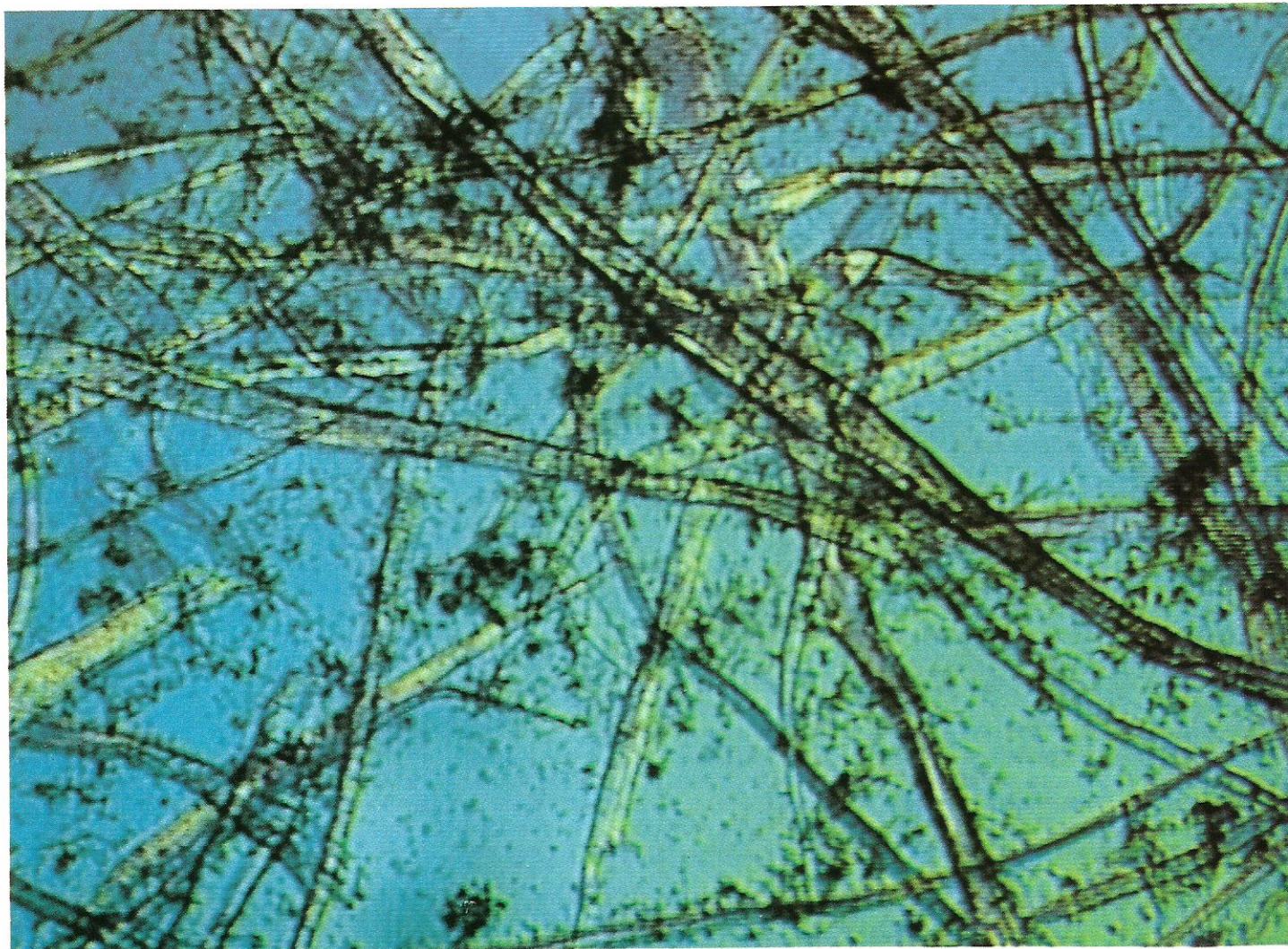


ursos Naturais, depois da Área de Materiais e, finalmente, em 1979, seu principal dirigente.

O administrador Ronaldo Guedes Pereira, na posição que sempre quis, implantou um sistema administrativo simplificado e anti-burocrático na empresa. Ninguém escreve memorando, as decisões entre os diretores são tomadas frente a frente, em conversa

NOVO SISTEMA 'AMPHO-TEK'

um polímero natural com tecnologia avançada para colagem neutra/alcalina.



PERFORMANCE SUPERIOR EM SUA FÁBRICA

Aumento da produtividade com qualidade superior.

O sistema AMPHO-TEK é a melhor inovação para os fabricantes de papel que utilizam o sistema neutro/alcalino, ou, indústrias que estejam analisando a mudança do sistema ácido para o neutro/alcalino. Derivado de amido especial desenvolvido com avançada tecnologia, o sistema AMPHO-TEK representa a mais efetiva arma para a economia de custos, obtendo maior produtividade e superior qualidade na produção de papel e cartão fabricados

em sistemas neutro/alcalinos.

Enquanto algumas empresas têm sofrido com a produção em sistemas neutro/alcalino, os fabricantes que utilizam o sistema AMPHO-TEK encontraram um ponto de equilíbrio além de resultados palpáveis no incremento da produtividade e melhoria da qualidade da folha.

A foto reproduzida acima é uma ampliação de 100 vezes das fibras e finos do papel, e mostra o efeito de micro-floculação do sistema AMPHO-TEK.



Lorenz National Industrial Ltda.

Matriz: Rua São Paulo, 3068 - 89010 - Blumenau - SC
Fone: (0473) 23-2988
Filial em São Paulo: Av. São Gualter, 86 - 05455
São Paulo - Fone: (011) 261-4400

direta. "Não leio nada que tenha mais de uma página", — avisa, estimulando as comunicações baseadas na objetividade e rapidez.

Participando da comunidade

Manter um ambiente de trabalho agradável para todos os funcionários é outro ponto capital de seu estilo administrativo. "Tornar bonito o lugar de trabalho ajuda na eficiência" — assegura Guedes. Ele ressalta a boa qualidade do restaurante da empresa, uma das realizações de seus doze anos de direção, onde todos os funcionários, dos diretores aos menos graduados, entram na mesma fila e almoçam juntos. "Temos departamento médico interno, boa assistência de saúde e um dos melhores sistemas de prevenção de acidentes do setor" — conta com orgulho. "Detemos o recorde de 8.226.000 horas/homem sem acidentes com afastamento, o maior da indústria de celulose e papel" — completa.

Como a fábrica e a sede da empresa se situam em Mogi-Guaçu, o seu dirigente acha que as principais realizações da empresa podem ser vistas naquela cidade e no progresso levado à comunidade local.

"Se alguém me dissesse que o capital estrangeiro só explora, eu convidaria a visitar Mogi Guaçu" — comenta. Lá podem ser sentidos — analisa ele — os resultados de investimentos em treinamento e assistência social aos funcionários. Lá também podem ser vistos outros benefícios

"A Champion brasileira é bem conceituada junto a Matriz; mas, também, nunca entrou no vermelho..."

prestados pela empresa, como a UTI doada ao hospital da cidade. "Se o hospital melhora, é bom para o nosso funcionário, que mora na cidade" — raciocina.

O último filho

"Nunca foi monótono" — revela.

O principal desafio profissional ainda está no papel. É a nova unidade industrial de Três Lagoas-MS, uma moderníssima fábrica de papel e celulose que deverá começar a ser construída no final de 1992 ou começo de 1993, com todas as características dos projetos chamados *state of the art* por suas inovações e arrojo. "Esse é meu grande projeto" — confessa o executivo. "É o último filho que criarei, antes de me aposentar" — completa. A aposentadoria, daqui cinco ou seis anos, é uma opção pessoal, desde já planejada com detalhes por este pacato chefe de família. "Já temos a área da fábrica e o projeto de engenharia conceitual, temos também o RIMA (relatório de impacto no meio ambiente) e a base florestal correspon-

dente à metade das necessidades. Além disso estamos continuando o reflorestamento" — conta Guedes.

Filho e genro de fazendeiros, Ronaldo Guedes Pereira já sabe o que fará depois de se aposentar. Se dedicará com mais tempo à atividade que mais gosta: criar gado. "Eu investi em terras e bois, e gosto muito disso" — diz. "Por enquanto, residindo em Campinas, só posso passar na fazenda (em Mato Grosso) o final de semana. Depois da aposentadoria, espero passar a semana inteira" — afirma.

Bom conceito

O otimismo de Ronaldo Guedes Pereira não o impede de ter uma aguda visão crítica do mercado. Para ele, o setor de celulose e papel enfrenta internacionalmente as conseqüências de uma recessão mundial, combinada com o aumento da própria capacidade produtiva, aumento resultante da operação de novas máquinas de papel nas principais indústrias do setor em várias partes do mundo.

A Champion brasileira representa de 3 a 4% do faturamento da companhia internacionalmente (além do Brasil, ela atua nos Estados Unidos e no Canadá), mas, apesar desse resultado pequeno no conjunto, a empresa é muito respeitada.

"A Champion brasileira é conceituada diante da matriz. Isso certamente porque ela sempre foi rentável, nunca entrou no vermelho" — analisa o dirigente.



Diretoria da Abecel

A Abecel — Associação Brasileira de Exportadores de Celulose, tem nova diretoria desde ju-

ho. Pelo período de um ano, a entidade será presidida pelo empresário Boris Tabacof (Bahia Sul). Entre os vice-presidentes estão Armando Figueira e Alexandre Yambanis (Araucruz); Gilberto Faria e José Nunes Marreco (Cenibra); Luiz Murat (Bahia Sul); Eduardo Barreto e Cesar Thomé (Monte Dourado); Aldo Sani e Sérgio Kilpp (Riocell).

Diretoria do IPEF

O IPEF — Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais da ESALQ ficou com a seguinte diretoria:

Conselho Administrativo:

Arnaldo Salmeron (Presidente); Gilmar Bertolotti (Vice-presidente). Adhemar Villela Filho; Antônio S. Renzi Coelho; Geraldo E. Speltz; Manoel Carlos Ferreira; Raul Mário Speltz; Rubens C. D. Garlipp.

Suplentes: José Maria de Arruda Mendes Filho e Jorge Vieira Gonzaga.

Conselho Fiscal: Edgard Campinhos Jr.; José Carlos M. Ferreira; Manoel de Freitas.

Suplentes: Jorge Vieira Gonzaga; Tito Flávio da Silva.



Bignardi na Agricultura

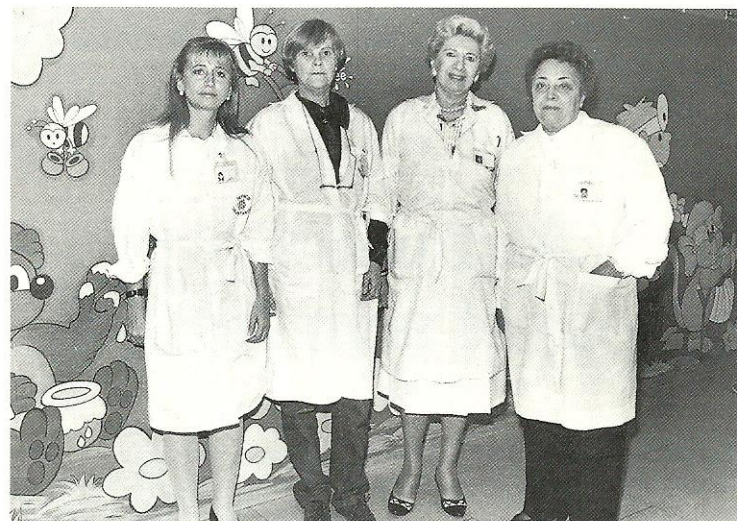
O diretor administrativo da Ripasa S.A. Celulose e Papel, João Bignardi Netto, assumiu em ju-

nho a Secretaria Adjunta de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Formado em direito pela Universidade Mackenzie, ingressou na Ripasa em 1986 como Assessor da Superintendência, passando para Diretor Administrativo em 1989.

Voluntárias: dedicação e apoio emocional.

“É uma proposta simples, direta, objetiva e, sobretudo, humana”. Desta forma, Fabíola Maroni Piacentini, esposa de Fábio Piacentini, empresário ligado à indústria papeleira, define o trabalho do Corpo de Voluntárias do Sepaco, do qual participa há cinco anos. O Corpo foi idealizado por Helena Cherkassky, esposa de Horácio Cherkassky e Dulce Aun, esposa de Jamil Nicolau Aun. Foi consolidado em 1984, por iniciativa de Tania Racy, filha de Omar Simão Racy, um dos fundadores do Hospital do Sepaco. Além de Fabíola, também fazem parte do grupo Adélia Praça Oliveira, Maria do Carmo Peixoto Ferreira, Elza Ghersel Narchi e Vera Lúcia Previatti da Silva, filha de Olavo Previatti, também um dos fundadores do Sepaco.

O trabalho das voluntárias estende-se a vários setores, como CTI, maternidade, pediatria e banco de sangue. Sua filosofia de trabalho é dar suporte emocional às pessoas que são internadas. “Quando o paciente entra no hospital ele sente-se totalmente despersonalizado, como se fosse mais um número, e isso o deprime ainda mais. Então, é feito um trabalho de



As voluntárias (da esquerda para a direita) Fabíola Maroni Piacentini, Adélia Praça Oliveira, Elza Ghersel Narchi e Maria do Carmo P. Ferreira.

apoio emocional a este paciente”, explica Fabíola.

Além disso, o Corpo de Voluntárias também realiza festas de Natal, oferece brinquedos na pediatria e creche do hospital. Recentemente, as voluntárias convidaram uma artista plástica para realizar atividades de artesanato com pacientes adultos e crianças internados no hospital. O trabalho vem sendo realizado com muito sucesso e

os produtos confeccionados são vendidos em um bazar exclusivo para os funcionários; o dinheiro da venda é revertido para a compra de mais material. As voluntárias trabalham todos os dias na parte da manhã e o trabalho é dividido entre elas, cada uma cuidando de determinado setor. Quem se interessar em trabalhar como voluntária, deve contatar Glória, tel.: 572-4133 ramal 213.

Experiência que deu certo

“O caminho aberto para os Alcoólicos Anônimos dentro do Hospital do Sepaco é um passo adiante em relação às ressalvas e a uma certa descrença que a classe médica mantinha quanto ao nosso trabalho. Agora ela está reconhecendo sua validade e admitindo que ele produz efeitos positivos”. A declaração é de Valdir, um dos fundadores do grupo de A. A. do Hospital do Sepaco, cujo primeiro ano de existência foi celebrado no final de junho. A comemoração aconteceu no anfiteatro do hospital, com a presença de aproximadamente 50 pessoas, entre membros do grupo, médicos e funcionários da instituição, assistentes sociais de empresas ligadas ao setor papeleiro e pessoal dos A. A. de outras regiões.

Segundo Valdir, membro dos A. A. há seis anos, o trabalho desenvolvido no Sepaco tem ajudado a romper a obstinação de alguns alcoolatras que

são internados com problemas de saúde. Outro participante da equipe, que preferiu não se identificar, exemplificou: “Alguns pacientes que chegam em estado grave de intoxicação alcoólica, após a desintoxicação são encaminhados ao grupo e acabam perdendo a resistência que tinham quanto aos A. A.”.

Essa mesma pessoa informa que, dentre os participantes do grupo, aproximadamente cinco são trabalhadores do setor. “Existe até o caso de um funcionário de uma indústria de papel, de 30 anos de idade, que foi internado por duas vezes, mas não queria ajuda dos A. A., alegando que iria parar de beber sozinho; quando foi internado pela terceira vez, sofreu um derrame e ficou com o lado direito do seu corpo paralisado”.

Em seu primeiro ano de trabalho, o grupo contou com uma média de 13 pessoas, divididas em duas turmas,

uma de cinco e outra de oito participantes. Mas, em alguns momentos, chegaram a ser feitas reuniões com somente duas pessoas. Isso, no entanto, não desanimou a equipe, pois, normalmente, leva-se até dois anos para que um grupo desse tipo se estabeleça quanto ao número de membros.

O superintendente de Corpo Clínico do Hospital do Sepaco, dr. Auro Norimassa Gushiken, falou em nome da instituição na reunião comemorativa. Segundo ele, “o trabalho realizado neste primeiro ano foi dos mais positivos, feito com muita dedicação e empenho”.

Cabe ressaltar que este é o único serviço oferecido pelo Hospital do Sepaco que não é de uso exclusivo dos trabalhadores nas indústrias papeleiras. Para quem se interessar, as reuniões do grupo de A. A. do Sepaco acontecem às terças e quintas-feiras, das 20 às 22 horas.

Manfred Judt analisa o uso de fibras de não-madeira na manufatura de celulose e papel e examina as experiências práticas da Índia e da China.

Aumenta a produção de papel sem fibra de madeira

Fibras de plantas não-madeira correntemente usadas — ou de uso potencial na produção de celulose para a manufatura de papel — incluem resíduos agrícolas, tais como bagaço e palha; plantas de crescimento natural como o bambu e as gramíneas; e plantas cultivadas pelo seu teor de fibra, como kenaf (hibisco), crotalária, juta, cânhamo, abacá, sisal e algodão.

No passado, quase todas as fibras conhecidas foram testadas para a produção de celulose e papel e quase todas resultaram num produto com algumas qualidades desejáveis. Entretanto, quando levados em consideração todos os fatores econômicos, somente um número muito pequeno dentre os milhares de fibras de plantas não-madeira é qualificado. Presentemente, as fibras de palha, bagaço e bambu são as mais largamente usadas, mas muitas outras são empregadas para celuloses especiais e têm características não encontradas em nenhuma das melhores pastas de madeira.

Enormes quantidades de resíduos de materiais agrícolas fibrosos estariam disponíveis se a necessidade econômica requeresse seu uso como matéria-prima para a manufatura de papel. Aproximadamente 1.200 milhões de toneladas de tais materiais estavam disponíveis em 1982 (ver quadro). A palha apresenta, nitidamente, a maior disponibilidade potencial.

As estatísticas chinesas publicadas no catálogo da Indústria de Papel da China de 1990 mostram como esse potencial foi usado. Entre 1979 e 1988, a produção de celulose daquele País cresceu de 3,92 milhões de toneladas para 8,73 milhões de toneladas. Nesse

mesmo período, a produção de papel e cartão elevou-se de 5,18 milhões de toneladas para 12,9 milhões de toneladas. Como não houve mudança na relação entre o consumo de pasta de madeira e o de não-madeira (26%/74%) durante esses nove anos, 3,47 milhões de toneladas adicionais de pasta de não-madeira foram produzidas. A título de exemplo: entre 1979 e 1989, a produção de pasta de palha passou de 1,38 milhão de toneladas para 2,93 milhões de toneladas, enquanto a produção de pasta de celulose de bambu saltou de 300.000 toneladas para 750.000 toneladas.

Entre 1978 e 1989, o número de fábricas na China elevou-se de 3.648 para 5.360. Essas fábricas são ainda de porte muito reduzido, contudo produziram uma média de 1.320 t/ano em 1979 e 2.508 t/ano em 1989.

Disponibilidade Estimada de Resíduos de Produtos Agrícolas Fibrosos — 1982

Matéria-prima	Disponibilidade Potencial (1.000 t)
Bagaço de cana-de-açúcar	75.000
Palha de trigo	570.000
Palha de arroz	320.000
Palha de aveia	60.000
Palha de cevada	150.000
Palha de centeio	40.000
Casca de semente do linho	2.000
Casca de sementes	3.000
Total de palha/casca	1.145.000
Total	1.220.000

Fonte: Josef E. Atchison Consultants

Fibra longa substitui pastas: quem pode ajudar?

No distante fevereiro de 1978, R. L. Cunningham, T. F. Clark e M. O. Bagby publicaram uma matéria na revista *Tappi* intitulada "Crotalaria juncea — fonte anual de fibra para a manufatura de papel". Esta planta, um legume, foi subseqüentemente testada como uma colheita alternativa para a cana-de-açúcar, na América do Sul. Parece crescer bem; seu sistema de enraizamento fixa nitrogênio no solo, atuando esta planta, então, como um fertilizante. As fibras do líber da planta têm 3,79 mm de comprimento e 24,3 micra de largura.

Na América do Sul, há uma fábrica que faz celulose de fibra longa a partir desta planta e está sendo bem-sucedida na substituição de celulose de fibra longa importada. Quem tenha mais informações e queira compartilhá-las, está convidado a nos escrever.

Se os leitores tiverem perguntas, queiram dirigir-se ao Autor, por escrito, em seu endereço residencial: Adalmuntstr 1, W-8082 Grafrath, Germany. O Autor dispõe-se a encontrar pessoas competentes para responder-lhes e as respostas serão publicadas na PPI.

Visão da Índia

Um artigo recentemente publicado para celebrar o jubileu da Associação de Fábricas de Agro-Papel Indianas, traça as origens das indústrias de papel da Índia baseadas na agricultura, em 1880, quando cinco pequenas fábricas, usando gramíneas e juta como suprimento, foram instaladas. Com o advento da era de rápida industrialização, a manufatura de papel sofreu mudanças. Recursos florestais, especificamente madeira e bambu, ocuparam uma posição fundamental no processo de planejamento, em vista do curto prazo então contemplado. Fábricas utilizando recursos florestais foram implantadas pelo regime colonial, com pouca atenção ao desequilíbrio ecológico que poderiam causar. Além disso, a agricultura era dependente da natureza e havia pouca terra cultivada, com raro uso da mecanização para incrementar a disponibilidade de resíduos agrícolas.

O artigo diz que a derrubada indiscriminada de árvores para fins comerciais, sem qualquer reflorestamento, reduziu a cobertura verde do país para 11%, em lugar dos 33% requeridos. A alarmante taxa de esgotamento de recursos florestais e o previsto aumento repentino da demanda de papel, que não poderia ser atendido pelas fábricas de papel produzido a partir de madeira, fizeram crescer a ameaça de falta de papel no final da década de 1970. O governo tomou a criativa e corajosa decisão de instalar fábricas de papel baseadas em matérias-primas não-convencionais, particularmente resíduos agrícolas, como palha de trigo e de arroz, bagaço, gramíneas, linters de algodão, trapos e aparas de juta industrial, que são largamente disponíveis na Índia. O governo adotou a decisão política de importar máquinas de papel usadas, não somente para ampliar a capacidade, mas também para reduzir os custos de capital.

O artigo diz que os benefícios dessa medida estão sendo agora colhidos por meio do aumento da disponibilidade de papel sem dependência dos escassos recursos florestais. A falta de papel prevista para o início da década de 1980 foi, assim, evitada.

A Associação calcula que essas fábricas ajudaram o País a economizar recursos florestais da ordem de 1,0 a 1,2 milhões de toneladas/ano de ma-

deira e divisas de 2.000 a 3.000 milhões de rúpias indianas/ano.

Conforme o papel, as fábricas papeleiras que utilizam resíduos agrícolas oferecem as seguintes vantagens:

- os resíduos agrícolas ajudam a diminuir a pressão sobre os já esgotados recursos florestais;
- não há impacto negativo sobre o equilíbrio ecológico, por utilizarem matérias-primas anualmente renováveis;
- divisas não são consumidas para importação de matérias-primas;
- disponibilidade abundante de resíduos agrícolas, porque a Índia é um país predominantemente agrícola;
- os resíduos proporcionam renda adicional para os agricultores, pela conversão de "desperdício em riqueza";
- geração de empregos rurais;
- com a implantação de fábricas por todo o país, as necessidades regionais são atendidas e não há necessidade de sistemas de transporte complexos.

Em 1987-1988, as 268 fábricas de papel da Índia produziram 1,72 milhão de toneladas de papel. Um terço aproximadamente desse total foi produzido pelas 70 fábricas que utilizam resíduos agrícolas na manufatura de papel. Durante esse período, a utilização da capacidade por estas últimas foi superior a 90%, enquanto a alcançada pela indústria mundial de papel e celulose situou-se em 61%.

A Associação agora concentrar-se-á na modernização e no aumento da produção dessas fábricas. Não são previstos problemas de suprimento de matéria-prima no campo de resíduos agrícolas. Os planos da Associação também incluem apelo às 102 fábricas para produzirem cerca de 1,94 milhão de toneladas dos 3,2 milhões de toneladas a serem requeridos pela Índia no ano 2000.

O relatório completo da Associação está disponível na Indian Agro Paper Mills Association, 309 Ratan Jyoti, Rajendra Place, New Delhi — 110008, Índia.

Seminários e Workshops da UNIDO

Um workshop internacional sobre a dessilicatação do licor negro de bambu, incluindo visita para demonstração na Kerala, fábrica de papel jornal hindu, foi organizado pelo CPPRI, Sida e Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO), de 4 a 6 de dezembro de 1989. Os anais desse encontro estão agora disponíveis na UNIDO (At.: Mrs. R. V. Assumpção, Chemical Branch, Wagramerstr. 5, A-1014 Vienna, Austria). Uma descrição detalhada do processo foi publicada na PPI de fevereiro.

Um seminário internacional sobre a produção de papel jornal usando bagaço foi organizado pela UNIDO, o Ministério de Açúcar Cubano, o Cuba 9 e o Centro de Pesquisas do Papel e o Grupo de Países Exportadores de Açúcar do Caribe e da América Latina (GEPLACEA), no período de 2 a 5 de outubro de 1990, em Havana, Cuba.

Outro workshop internacional, sobre a manufatura de papel alcalino

e polpa de kenaf foi organizado pela UNIDO e pelo Instituto Tailandês de Pesquisa Tecnológica e Científica, em cooperação com o Departamento de Cooperação Econômica e Técnica. Thai Palu e a Associação da Indústria de Papel, em Bangcoc, de 11 a 14 de dezembro de 1990. Participaram do evento delegados de centros de desenvolvimento e pesquisa nacionais e de indústrias de cinco países asiáticos — China, Índia, Indonésia, Filipinas e União de Myanmar, quando apresentaram seus programas de pesquisa em andamento. Foi a primeira vez que aqueles institutos asiáticos tiveram a oportunidade de se reunir, de se conhecer e de iniciar planos de cooperação no campo de celulose e papel. Sob os auspícios do projeto regional UNDP, foi acordado um programa de intercâmbio para pesquisadores dos diferentes institutos.

Encontros similares estão programados para este ano, em setembro na Índia e, em dezembro, na Indonésia.

Lições dos EUA para indústria editorial crescer na recessão

Apesar do crack da Bolsa de Valores em 1929 e da Grande Depressão dos anos 30, os Estados Unidos forjaram um dos maiores parques editoriais do mundo. A experiência foi avaliada por Andrew Neilly, na Câmara Brasileira do Livro.

Como a indústria editorial deve atuar num período recessivo da economia? Para aprofundar este assunto, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) convidou o presidente da Associação Internacional de Editores, Andrew H. Neilly Jr., dono da Editora John Willey, de Connecticut, EUA, para falar um pouco de como seu país atravessou a crise de 1929, criando um dos maiores parques editoriais do mundo.

Realizada recentemente no auditório da Companhia Melhoramentos, em São Paulo, a palestra ministrada por Neilly discorreu sobre as associações de direitos reprográficos que têm sido criadas em diversos países; a missão da Associação Internacional de Editores, de tentar criar um clima no qual as editoras possam trabalhar em liberdade em nível internacional; a luta pelo respeito ao *copyright* e contra os impostos excessivos e, finalmente, sobre o mercado norte-americano.

Na ocasião, o editor norte-americano sugeriu que o Brasil, a exemplo de outros países, criasse uma associação de direitos reprográficos, visando defender os direitos dos autores das obras contra a reprodução indiscriminada dos escritores sem pagamento de qualquer espécie. Segundo ele, o sucesso do controle da reprografia está em conseguir uma mudança de mentalidade com relação à propriedade intelectual. Uma outra abordagem foi a necessidade de uma união entre editores e governos na busca de soluções para problemas de educação e leitura.

O crescimento do mercado norte-americano após a II Guerra Mundial é atribuído por Andrew Neilly principalmente a dois fatores: a necessidade do preparo das tropas americanas, le-



Andrew H. Neilly Jr. prega luta contra tributação excessiva

vando-os ao hábito da leitura, e a existência de uma lei que garantia ensino gratuito até o nível universitário a todos os ex-combatentes. A intervenção

do governo, segundo Neilly, foi fundamental para o desenvolvimento do mercado editorial norte-americano. Esse mercado, que já esteve no seu auge, hoje atravessa nova crise, cuja principal causa é, segundo o editor, a queda da qualidade do ensino.

Finalizando, Neilly falou do problema representado pela concentração das editoras em grupos cada vez mais poderosos. Para ele, no entanto, nenhuma empresa é forte o suficiente para impor-se sozinha. "Somente através da união dos editores em torno das entidades de classe, é possível se conseguir uma força suficiente para influenciar a sociedade", concluiu.

"A crise só existe na cabeça das pessoas"

Para o presidente da CBL, Ary Kuflik Benclowicz, a crise da indústria editorial "só existe na cabeça das pessoas". Apesar de admitir que o País atravessa uma instabilidade econômica bastante prolongada, Benclowicz afirma que o Brasil pode ser considerado um país privilegiado, pois possui uma grande variedade de títulos, a produção é crescente, o livro goza de total liberdade de publicação e de imunidade tributária. Para ele, o que se deve procurar extrair disso tudo são os ensinamentos e experiências necessárias para um crescimento empresarial.

A falta de escolas e do hábito de leitura são, segundo Benclowicz, os maiores inimigos do mercado editorial brasileiro. Ele afirma, no entanto, que as editoras que têm procurado atualizar o seu programa não estão enfrentando maiores problemas. De acordo com Benclowicz, ao contrá-



Valdir de Carvalho

Benclowicz: apesar da crise, livro teve um crescimento de 20%.

rio do que se previa, o livro teve um crescimento de 20% nos últimos cinco anos. "Temos hoje no Brasil cerca de 80 mil títulos publicados, 37 mil autores publicados e 2.200 editoras (comerciais e não comerciais)", garante o editor. Para ele, o que se precisa é "criar estímulos para que o livro faça parte da cesta básica do brasileiro".

Uma só palavra resume a qualidade da soda cáustica da Salgema:

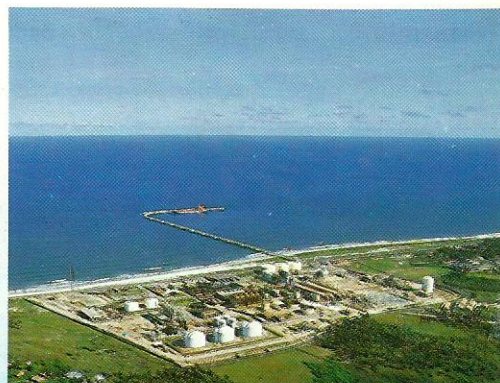
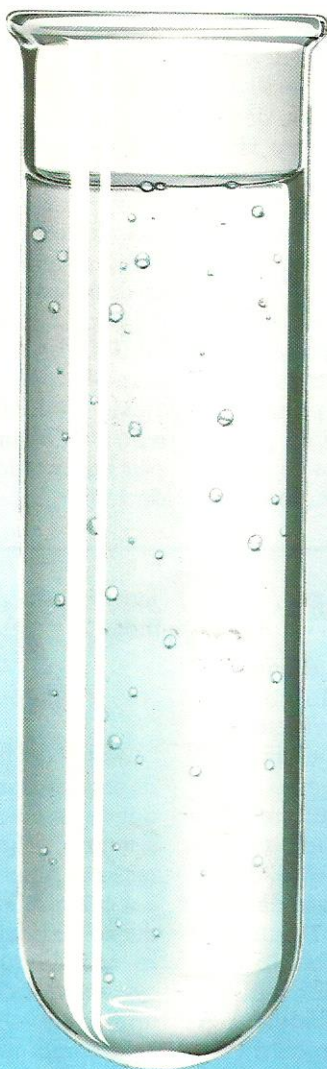
PURA

A soda cáustica da Salgema é **PURA** porque não contém elementos contaminantes ou metais pesados que possam prejudicar a qualidade dos milhares de produtos onde ela é empregada.

É **PURA** porque sua baixa concentração salina resulta num menor índice de corrosão dos equipamentos, que ganham em durabilidade e na redução das manutenções corretivas.

Um rígido controle de qualidade faz com que a soda cáustica da Salgema seja totalmente incolor, permitindo manter inalterada a aparência dos produtos com ela fabricados.

E por ser **PURA**, principalmente as indústrias de química e petroquímica, celulose, alumínio, sabões e detergentes vêm dando preferência à soda cáustica da Salgema.

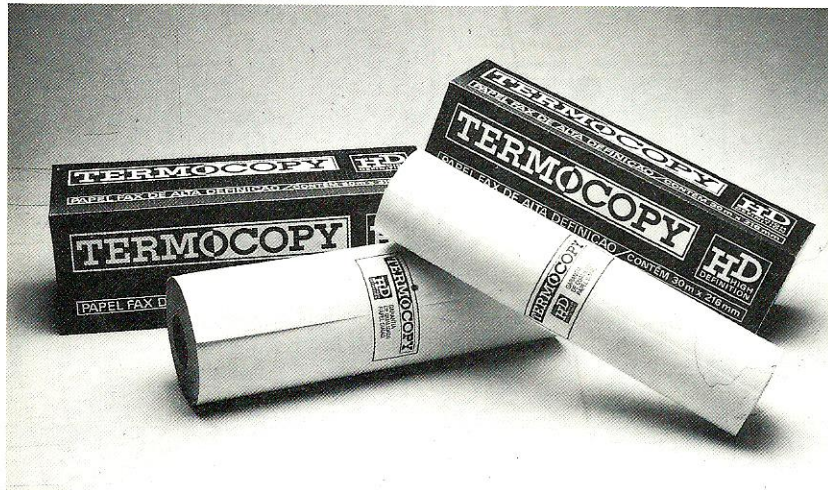


Salgema: **PURA** qualidade!



Salgema
Indústrias Químicas S.A.

Tecnologia em papel para fax



Papel fax: maior participação no faturamento.

A Papel Simão está lançando o Termocopy High Definition, papel de melhor alvura e maior sensibilidade, para uso em aparelhos de fac-símile. Ele representa a última palavra em tecnologia de papéis térmicos, dos quais a Simão é a única fabricante no Hemisfério Sul.

O novo papel é resultado concreto do acordo de transferência de tecnologia assinado em 1989 entre a empresa e a Kanzaki Paper, por meio do qual a empresa japonesa forneceu, pela pri-

meira vez, tecnologia para um produto em fase de ascensão em seu ciclo de vida.

“Em rolos de 30 e 50 metros de 210 e 216 mm de largura, o Termocopy High Definition atenderá às exigências de todo tipo de equipamentos fax quanto à recepção de mensagens, gráficos e fotografias” — afirma Sérgio Gandra Vaz, diretor comercial da empresa. A estratégia da Indústrias de Papel Simão é de priorizar o desenvolvimento de produto com tecnologia de ponta, voltada para o mercado de

comunicações. “Este objetivo deverá fazer com que os papéis especiais tenham cada vez maior participação no faturamento da empresa” — ressalta Raul Calfat, presidente do grupo.

O mercado brasileiro de fax cresceu, em média, 100% ao ano, desde meados da década de 80. O consumo de papéis térmicos passou de 370 toneladas em 1988 para 840 toneladas em 1990. Deste total, 60% são da Simão e 40% ainda são de papéis importados dos EUA e do Japão.

da Foster Wheeler, do Canadá. Ela completará o abastecimento de energia fornecida pela caldeira de recuperação, que queima o licor negro, evitando a poluição e reaproveitando os produtos químicos.

33 meses

As obras da Bahia Sul já estão concluídas em 90% (julho/91) informa o diretor de implantação da unidade, Renato Moretzsohn. Ele anuncia que a comercialização de celulose de eucalipto branqueada produzida na fábrica começará em março de 1992, 33 meses depois do início das obras. “É um prazo ótimo para o que se chama de uma fábrica “greenfield”, ou seja indústria implantada a partir do zero, num terreno que era pasto”.

A maior turbina

As necessidades das novas instalações industriais da Bahia Sul Celulose, em Mucuri, exigiram o empenho de muitos fornecedores e indústrias de base. A M. Dedini Metalúrgica, do grupo Dedini, expediu em julho para a indústria celulósica a maior turbina para acionamento de gerador elétrico já fabricada no Brasil. A capacidade da turbina, que pesa 45 toneladas é de 38.750 kw. O equipamento integrará a casa de força, que será composta por três turbos geradores com potência total de 94.800 kw. O fornecimento dos equipamentos completos da casa de força, que custaram US\$ 20 milhões, envolve além da Dedini, a Siemens S.A. e a Siemens AG. alemã, que é a licenciadora da Dedini.

Rotativa Bobst

Uma rotativa que associa os processos *off-set* e *helio*, e que foi concebida para permitir a melhor rentabilidade na produção de embalagens de cartão está sendo anunciada pela Bobst-Brasil, de Sertãozinho. A nova linha Bobst-Champain Lemanic-Offset será demonstrada internacionalmente em outubro nas instalações da matriz suíça da empresa, em Mex.

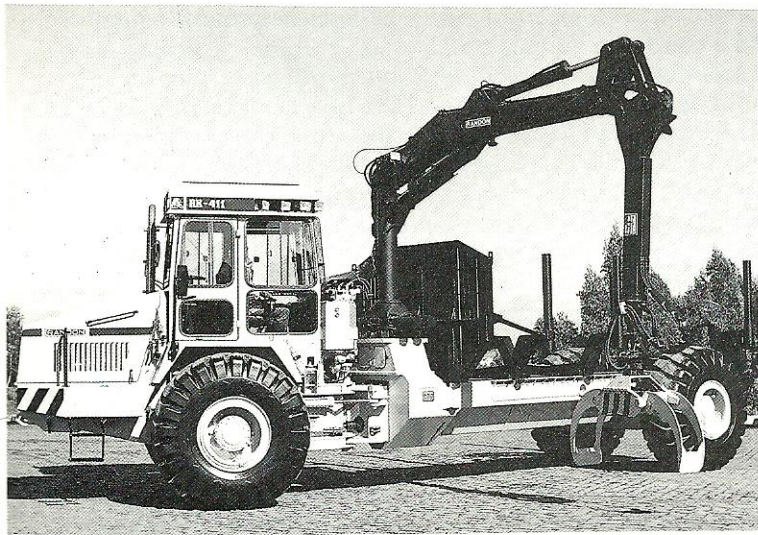
Projeto F

A Unicontrol é uma das fornecedoras de equipamentos para o projeto “F” da Aracruz Celulose, que prevê o fornecimento de celulose sem nenhum resíduo de cloro (Chlorine Free). A Unicontrol, que já havia instalado na fábrica da Aracruz o Sistema Digital de Controle Distribuído está agora entregando àquela empresa controladores. A implantação de todo o Pro-

jeto F custará US\$ 100 milhões.

Caldeira auxiliar

Antes do final deste ano devem entrar também em operação na Bahia Sul os sistemas definitivos de captação e tratamento de água, e a caldeira auxiliar de produção de energia. A caldeira auxiliar que queimará cascas e fios de madeira não utilizáveis — foi fabricada pela Zanini, com tecnologia



Capacidade para 11 toneladas de carga.

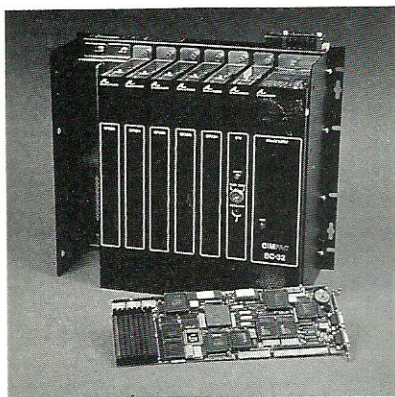
Trator "Forwarder"

A Randon Veículos e Implementos, de Caxias do Sul, lançou há poucas semanas seu novo trator florestal articulado "Forwarder" -441, com capacidade para 11 toneladas curtas de carga útil. Ele foi especialmente concebido para o transporte de toras da área de corte até

às margens da estrada, inclusive em terreno acidentado, e é dotado de equipamentos para carga e descarga.

O desenvolvimento do "Forwarder" representou um investimento de US\$ 52 milhões para a Randon, nos últimos cinco anos.

Ecil e Action juntos no Brasil



PCs sem similares no País.

A Ecil do Sistema de Controles, assinou contrato com a Action Instruments

Inc., dos Estados Unidos para a comercialização e fabricação de uma linha completa de computadores industriais — PC's, dispositivos de interfaceamento, instrumentação e o software Cim-Pac de controle de processos.

A representação é exclusiva no Brasil e em toda a América Latina. De acordo com Jayme Barbarisi, diretor comercial da Ecil, o acordo "objetiva, principalmente, oferecer ao mercado brasileiro a oportunidade de implementar projetos de automação e controle de processos com os PCs industriais Action, já consagrados nos mercados americanos e europeus e que não tem similares em nosso País.

Despastilhador Pilão

A Pilão lançou um despastilhador de 20 polegadas no sistema tri-disc, complementando a linha que já contava com o despastilhador de 10 polegadas. Os despastilhadores, utilizados basicamente na indústria de celulose e papel, e em menor quantidade na indústria de couro, servem para a abertura das fibras da massa, e a tecnologia tri-disc

proporciona processos mais homogêneos.

A Pilão está também comemorando o negócio de exportação fechado com a Chonju Paper, da Coréia, empresa do grupo Samsung. Depois de participar de concorrência internacional onde era a única empresa do Brasil, a Pilão acertou o fornecimento de oito refinadores.



Despastilhador "tric-disc" de 20 polegadas; mais homogeneidade.

Ciba e revestimentos

Representantes de indústrias de papel e celulose participaram em julho da palestra "Materiais Anti-corrosivos para a Indústria de Papéis e Celulose", promovida pela Ciba-Geigy. No encontro, a empresa destacou as especialidades do seu produto *Arakene*, uma resina éster vinílica utilizada na impregnação de fibra de vidro, graças à sua grande resistência à hidrólise e outras propriedades. Foram abordadas também as múltiplas aplicações dos revestimentos Struktural, entre as quais sua boa adequação aos tanques industriais.

Scanner Apolo

A Apolo apresentou no último Simpósio Brasileiro de Computação Gráfica e Processamento de Imagens, realizado em julho em São Paulo, um scanner de mesa em cores com 600 pontos de resolução. É indicado para trabalhos gráficos que exijam maior definição visual e que sejam feitos pelo sistema Cad/Cam. Preço: US\$ 5,6 mil.

E a Imarés Microcomputadores anuncia que tem à disposição um scanner de 300 pontos que transforma textos e imagens em dados digitais em apenas 10 segundos. É o HP, importado pe-

la Edisa Informática da norte-americana Hewlett Packard.

Mais papéis coloridos

A Cia. Suzano constata que é cada vez maior o número de empresas que vem adotando a utilização de papéis coloridos para xerografia e impressão a laser. O Banco Econômico foi um dos primeiros a adotar o papel azul para impressão a laser, para chamar a atenção dos clientes com extratos distintos dos extratos brancos dos concorrentes. A Geodata, que é responsável pela confecção e impressão dos carnês municipais da Prefeitura de São Paulo, adotou as cores amarelo e

azul para o ISS e outros tributos. A Philco preferiu a cor *cielo* para imprimir a folha de pagamentos de seus funcionários.

A Cia. Suzano, que levantou essas informações, comercializa o papel Report em onze cores.

Também a Papel Simão anunciou recentemente duas novas tonalidades, azul e verde, para seu papel apergaminhado SupraColor, concorrente do Report. O SupraColor vinha sendo fornecido nas cores canário e rosa.

Novo empréstimo

Para completar o investimento de US\$ 1,3 bilhão, necessário à sua plena instalação, a Bahia Sul Celulose

anunciou neste mês de agosto a conclusão de uma operação financeira de US\$ 48 milhões, com um *pool* de bancos liderado pelo Unibanco. A Bahia Sul terá dois anos de carência, e mais dois para pagar o financiamento. A empresa foi montada através de uma associação da Cia. Suzano, Vale do Rio Doce, BNDESPar e IFC — agência do Banco Mundial.

Chemical Week

A revista norte-americana Chemical Week Internacional passa a ser representada no Brasil pela PTI — Publicações Técnicas Internacionais. A Chemical Week tem grande circulação entre indústrias e consu-

midores de produtos químicos, e enfoca a notícia do ponto de vista comercial, técnico e mercadológico. Maiores informações pelo tel. (011) 259-6644.

Lodos Ativados

A Puritech/Maqbrit está oferecendo serviços completos de avaliação de problemas de processamento de esgotos para mostrar a eficiência de seu sistema de lodos ativados para tratamento biológico de efluentes sanitários. Trata-se de um sistema desenvolvido para pequenas fontes poluidoras, de baixo custo, e o mínimo de área de instalação. Maiores informações pelo tel. (011) 263-7829.

ABIGRAF

Print 91

A Abigraf, em conjunto com a ABTG — Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica, e com o Consulado Geral Americano em São Paulo, organizou a delegação brasileira de mais de 50 pessoas que visitará a Print 91, maior feira gráfica dos Estados Unidos. A Print acontece em Chicago de 4 a 11 de setembro.

História da Arte Gráfica

Os 180 anos de história da indústria gráfica no Brasil foram reconstituídos no livro "Gráfica, Arte e Indústria no Brasil — 180 Anos de História", de Mário de

Camargo, pela Editora Marca D'Água. O autor, industrial gráfico da Bandeirantes S.A., diz que aceitou o desafio de contar essa história depois de uma conversa com Max Schrappe, presidente da Abigraf nacional. O desafio lhe custou três anos de pesquisas, assessorado por Margarida Cintra Gordinho e Sylvia Monteiro.

O setor e o código

A Associação Brasileira de Tecnologia Gráfica — ABTG, em conjunto com a Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel — ABTCP, realizará o 1º Encontro Técnico ABTG/ABTCP. O tema será a adequação do setor diante das novas exigências

do Código de Defesa do Consumidor, e dos problemas gerados pelo Programa de Competitividade Industrial do Governo. O encontro terá lugar na Escola Senai "Theobaldo De Nigris", à rua Bresser, 2.315, São Paulo, de 24 a 26 de setembro.

Grafexpo

O presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica — Abigraf —, Max Schrappe, afirmou que os resultados da II exposição brasileira desse setor, a Grafexpo 91, compensarão o desaquecimento ocorrido no primeiro semestre. A exposição, realizada no final de junho, foi visitada por 25 mil profissionais e rendeu negócios em torno de US\$

1 bilhão. Schrappe confia na recuperação da economia brasileira, baseado no clima de otimismo que circula entre o empresariado gráfico.

Feira da Micro Empresa

O presidente da Abigraf, Max Schrappe, será o presidente da II Feira da Micro, Pequena e Média Indústria, que se realizará entre 19 e 27 de outubro próximo em São Paulo. A escolha de Schrappe foi uma decisão pessoal de Mário Amato, presidente da Fiesp, Federação que promove a feira. Para Amato, o evento significa um importante passo na direção de novos mercados e reaquecimento da indústria paulista.

Congresso em Buenos Aires

O 2º Congresso Internacional de Celulose e Papel que terá lugar entre 14 e 16 de outubro próximo, em Buenos Aires, será palco de debates sobre a situação mundial do setor. As "Tendências de Oferta e Demanda do Mercado Mundial de Celulose e Papel — Análise Global sobre o comportamento do Consumo e da Evolução das Inversões" fazem parte do painel de abertura, tendo como expositor Bernard Majani, editor da revista francesa "Papercast". Muitos especialistas mundialmente conhecidos estão relacionados como expositores. Dentre eles

Roger A. Wright, da Inglaterra; David Clark, diretor do Instituto de Papel Europeu; Ernesto Ayala, do Chile e o ministro argentino da economia, Domingo Cavallo. O Congresso prevê uma exposição sobre o desenvolvimento da indústria florestal russa, pelo presidente do conselho de Recursos Florestais da União Soviética, Otto Terentyev.

Precedendo o Congresso será realizada a X Assembléia Geral Ordinária da Confederação Industrial de Celulose e Papel Latinoamericana (CICEPLA).

Congresso na Espanha

O VI Congresso Latinoamericano de Celulose e Papel, que será realizado no próximo ano na Espanha, tratará de cinco temas principais, anunciam seus organizadores, da Asociación de Investigación técnica de la Industria Papelera española. Serão abordados Matérias Primas, Novos Desenvolvimentos Técnicos na Fabricação de Papel e Papelão, Proteção Ambiental e Racionalização do Uso de Energia, e Pesquisa, Padronização, e Treinamento. O encontro terá lugar em Torremolinos, Málaga, entre 23 e 25 de junho.

T.P.G.

A décima edição do Salão Internacional de Papel Gráfico e de Papel será realizado em Paris, no Parque de Exposições de Paris —

Nord Villepinte, de 19 a 26 de maio de 1992. O Salão Internacional de Técnicas Gráficas (T.P.G.) é inserido a cada nove anos no calendário da EUMAPRINT, a organização mundial que reúne as associações nacionais de fabricantes de máquinas gráficas. Está sendo anunciado como a mais completa mostra de processos gráficos, abrangendo todas as etapas da pré-impressão, impressão e acabamento, em 70 mil metros quadrados de stands. Maiores informações com Promosalons — Brasil.

Escolar 91

Mais de cem empresas já confirmaram a presença na "Escolar 91", a 5ª Feira Nacional de Produtos para Escola de 10 a 13 de setembro no Mart Center, São Paulo. A mostra é patrocinada pela Abi-

graf, realizada pela Francal Feiras e Empreendimentos, e deverá expor produtos do setor de papelaria, material escolar, brinquedos pedagógicos, móveis e recursos educacionais.

Qualidade

A 2ª Exposição de Qualidade, Produtos e Serviços Normalizados e Certificados acontecerá de 11 a 13 de dezembro próximo no Anhembi, São Paulo, em paralelo ao Segundo Congresso Internacional de Normalização e Qualidade. A exposição é patrocinada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas e será composta por produtos normalizados ou certificados.

Engenharia Sanitária e Ambiental

Instala-se no dia 22 de setembro próximo, em Goiânia (GO), o 16º Congresso Brasileiro de Engenharia

Sanitária e Ambiental, que elegeu o tema "Vida", objetivando a conscientização para uma realidade de saneamento, meio-ambiente, saúde pública, desenvolvimento urbano e outros segmentos abans representam uma prioridade urgente para todos os brasileiros.

Promovido pela ABES — Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, terá a seguinte programação:

Esgotamento Sanitário e Tratamento dos Esgotos; Abastecimento e Tratamento de Água; Resíduos Sólidos; Materiais e Equipamentos; Recursos Hídricos, Irrigação e Drenagem Urbana; Proteção Ambiental, Controle da Poluição e Tratamento de Resíduos Líquidos Industriais; Saneamento e Saúde Pública; e Recursos Humanos.

Como evento satélites, destacam-se: Expo-Abes/91; Expolivros; Festival Abes de Filmes; Bienal de Artes Plásticas e Prêmio Abes de Repotagem.

Bienal do Livro

"A cultura a serviço da ecologia". Com este tema foi aberto no final de agosto, no Riocentro, Rio de Janeiro, a V Bienal Internacional do Livro, promovida pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

O evento faz parte das ações preliminares para a realização da Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento — ECO 92.

Os organizadores estimam a presença de 600 mil pessoas, com a venda de 2,5 milhões de exemplares de livros dos

200 mil títulos expostos. Ainda de acordo com os organizadores, a V Bienal Internacional do Livro deve gerar negócios da ordem de US\$ 12 milhões. Entre as atividades estão a reunião do Grupo Interamericano do Livro, um encontro de agentes literários internacionais, seminário de história em quadrinhos e ficção científica e o 1º Encontro Latino-Americano de Educação. Estão participando da Bienal a França, Espanha, Portugal, México e Irã.

Aplicação da ISO 187/90 exige atenção do setor

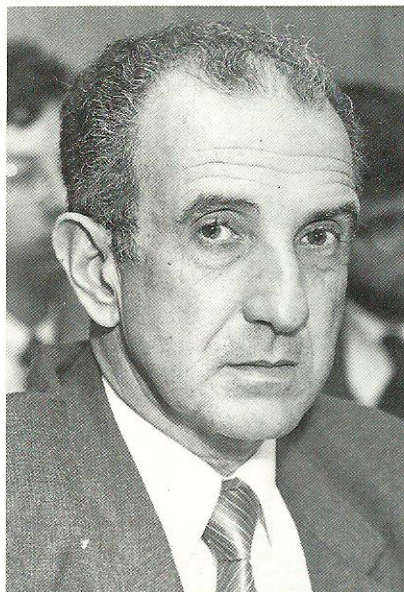
Maury Fontes de Athayde (*)

A maior abertura brasileira à economia internacional, num processo célere de transformações que se tornou mais acentuado na presente década, não está sujeita apenas à nossa vontade de integração ao Primeiro Mundo. Ela decorre, também, da necessidade de adaptação e modernização dos produtos brasileiros de exportação. Imposição de novas regras emergentes no mercado internacional, organizadas pelos países industrializados e acatadas pelos organismos mundiais que regulam as normas de intercâmbio mundial de bens, serviços e mercadorias.

No âmbito interno, começamos em boa hora a implementar o Programa Brasileiro de Qualidade e Competitividade que deverá manter os produtos brasileiros atualizados, incorporando tecnologias para satisfazer as crescentes exigências do mercado internacional. No bojo desse programa começamos a adaptar o setor de celulose e papel às exigências da norma ISO 9000. Esses desafios têm sido o condão de nos obrigar a superar obstáculos e de nos induzir a agilizar o processo de informação, adequação e aprimoramento de nossos produtos para atender novas necessidades.

Essa é uma condição que realmente precisamos cumprir para não ameaçar nossa presença já visível no cenário internacional. Estamos atentos a todos os detalhes técnicos para que nossos produtos não venham a sofrer, amanhã, ameaças de barreiras não tarifárias à sua penetração nos mercados arduamente conquistados.

O exemplo mais recente, para o qual o GT-1 da ANFPC foi devidamente alertado pelos setores competentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas, foi a mudança das condições internacionais de Unidade



Relativa e de Temperatura usadas para o condicionamento de Papéis para Ensaios. As novas condições — 50% U.R. (Unidades Relativas) e 23°C — diferem das oficiais vigentes no Brasil, que são 65% U.R. e 20°C e deverão vigorar, após um período de adaptação já iniciado, em janeiro de 1993.

Através de circular sugerida pelo GT-1, a Associação Nacional alertou as empresas produtoras e todas as entidades ligadas ao setor de celulose e papel para as alterações introduzidas, solicitando comentários e sugestões pertinentes que serão usadas junto à ABNT para as providências cabíveis na área técnica específica. O assunto vem sendo discutido em nível mundial por longo tempo, com toda a sua abrangência e complexidade. As novas condições deverão provocar modificações no ajuste das salas climatizadas dos laboratórios de testes

do País e também a aquisição de novos equipamentos capazes de atender às exigências dos novos padrões mundiais, com regularidade. E, além de enfrentarmos os problemas da diversidade de clima em nosso território-continente, também necessitamos de um período de adaptação produtor x usuário em consequência das alterações nos valores dos testes. Provavelmente teremos que esclarecer clientes e usuários com relação aos novos valores dos testes físicos que serão diferentes dos habituais fornecidos, pois as novas condições trarão, por exemplo, valores superiores para os testes de tração e arrebentamento e uma queda de valores de rasgo.

É certo que as novas condições internacionais já estão sendo adotadas pelas empresas do setor que exportam seus produtos com regularidade. Mas as alterações técnicas ganham um significado muito além dos investimentos requeridos para as modificações exigidas: elas igualam a indústria brasileira de celulose e papel às modernas empresas que participam do mercado mundial. E, se não nos adaptarmos aos parâmetros estabelecidos, o risco maior será o de sermos alijados, não obstante a qualidade reconhecida dos produtos brasileiros do setor, do cobiçado mercado internacional. Por isso a necessidade de oferecer nossas sugestões para que o SCB 11: 02 da ABNT possa efetuar em tempo hábil a revisão da Norma Brasileira de Condicionamento, permitindo implantar o processo de alteração no País e mantê-lo integrado ao mercado mundial.

* Maury F. de Athayde é Assessor da Diretoria de Comercialização da K.F.P.C. e Coordenador do GT/1, Assuntos da ABNT da ANFPC.

CONTRATE A INEPAR

Receitas boladas pelos melhores "cucas" e executadas pelas melhores mãos...



PREPARO:

- Concepção primorosa — a gosto do cliente
- Planejamento e desenvolvimento de alto rendimento
- Metodologia e execução eficaz
- Alta tecnologia em todas as fases, incluindo materiais e sistemas de apoio
- Execução por pessoal 5 estrelas
- Arranjo final com elevado requinte

INGREDIENTES:

- Equipamentos elétricos, eletrônicos e eletromecânicos
- Serviços de Engenharia Especializada
- Sistemas de Automação, Supervisão e Controle

MODO DE SERVIR:

- Em pacotes ou porções individuais

ATENDE: Geração, transformação, transmissão, distribuição e principalmente otimização e melhor aproveitamento na utilização de energia elétrica.

PS — As receitas boladas e executadas pelos "mestres-cucas" Inepar adquirem sua plena perfeição "ao sabor do cliente" porque o mesmo pode "meter sua colher no meio".

 **inepar**

SOLUÇÕES INTEGRADAS EM ENERGIA

Caixa Postal 7060 — CEP 80021 — Curitiba — PR
FAX (041) 341-1313 — TELEX (41) 5001 — FONE (041) 341-1212



L
X

S I S T E M A

Inovando tradição.

Arquitetura do SISTEMA XL.



SISTEMA XL:

A inovação disponível para aprimorar o desempenho da indústria.

ECIL P&D:

A tradição através da competência nas soluções em controle de processos.

ECIL P&D
SISTEMAS DE CONTROLE S.A.

SP/Baueri — Av. Jurua, 149 - Alphaville - CEP 06455 - Tel: (011) 709-1433 - Telex: (11) 71.033 - Fax: (011) 709-1329
 RJ/Rio de Janeiro — Rua da Assembléia, 10 - sala 3119 - Centro - CEP 20011 - Tel: (021) 224-0178 - Telex: (21) 23.234
 BA/Salvador — Av. Antonio Carlos Magalhães, 846 - salas 112/113 - CEP 41850 - Tel: (071) 359-7033 - Telex: (71) 2.120 - Fax: (071) 359-7142
 MG/Belo Horizonte — Av. Amazonas, 641 - 17º andar - Cj. 17C - CEP 30180 - Tel: (031) 201-7139 - Telex: (31) 1.528